

***ASPECTOS ÉTNICOS NA CONFIGURAÇÃO DA
ENFERMAGEM MODERNA NO RIO DE JANEIRO
NOS ANOS 20 E 30***

ANTONIA REGINA MESSIAS FERNANDES SENA

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escola de Enfermagem Anna Nery

Curso de Mestrado em Enfermagem

Orientadora: Ieda de Alencar Barreira

Doutora em Enfermagem

Rio de Janeiro

1999

ASPECTOS ÉTNICOS NA CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM MODERNA NO RIO DE JANEIRO NOS ANOS 20 E 30

Antonia Regina Messias Fernandes Sena

Dissertação de Mestrado apresentada à
Escola de Enfermagem Anna Nery da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito à obtenção do título de
Mestre em Enfermagem

Orientadora:

Profa. Dra. Ieda de Alencar Barreira

Rio de Janeiro
1999

Folha de aprovação

ASPECTOS ÉTNICOS NA CONFIGURAÇÃO DA ENFERMAGEM MODERNA NO RIO DE JANEIRO NOS ANOS 20 E 30

Antonia Regina Messias Fernandes Sena

Dissertação submetida ao corpo docente da Escola de Enfermagem
Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte
dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

Aprovada por:

Prof^ª. Dra. Ieda de Alencar Barreira - Orientadora
Presidente

Prof^ª. Dra. Taniama Vieira da Silva Barreto
1^a. Examinadora

Prof^ª. Dra. Jussara Sauthier
2^a. Examinadora

Prof^ª. Dra. Maria Stela Anunciação da Silva
Suplente

Prof^ª. Dra. Tania Cristina Franco Santos
Suplente

Rio de Janeiro

1999

FICHA CATALOGRÁFICA

Sena, Antonia Regina Messias Fernandes.

Aspectos étnicos na configuração da enfermagem moderna no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30/Antonia Regina Messias Fernandes Sena, Rio de Janeiro: UFRJ/EEAN, 1999.

xiii, 118 p. il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery, 1999.

Orientador: Ieda de Alencar Barreira

1. História da enfermagem. 2. Enfermagem - Preconceito social. I. Título.

CDD. 610.73

Esta Dissertação contou com o apoio financeiro do CAPES

Esta Dissertação é dedicada à Deus, ao Marcos, ao Jonatan Vitor e a Sarah Maria, amores da minha vida, que me apoiaram e me deram as mãos durante a elaboração deste trabalho, entendendo e suportando a minha ausência.

HOMENAGENS

A Ieda de Alencar Barreira, minha orientadora sempre presente me apoiando e dando as dicas. Obrigada por ter acreditado no meu trabalho.

Aos negros que não conseguiram galgar os degraus da vitória.

Aqueles que preservaram os documentos escritos e fotográficos, produzidos pela Escola Anna Nery, sem eles a minha dissertação ficaria incompleta.

AGRADECIMENTOS

É muito bom chegar ao fim de um trabalho tão árduo, olhar para trás e ver quantas pessoas marcaram este caminho de forma positiva. A todas elas o meu carinho, porém gostaria de agradecer especialmente:

À minha mãe e minha irmã Rosangela que ora alegraram-se e ora choraram comigo.

Ao meu irmão Carlos pela importante contribuição nos aspectos relacionados à informática.

As minhas sobrinhas Rebecca, Rayane e minha avó pelo conforto humano.

À família Sena pelo estímulo e força que me deram.

À todas as professoras doutoras que compuseram a minha banca.

À professora Tânia Cristina por ter me adotado nos últimos momentos.

À professora Ilda Cecília, pelas palavras de incentivo e estímulo.

À professora Lígia Viana pelo encorajamento e pela força.

À professora Jusssara Sauthier, que me facilitou o acesso no Centro de Documentação.

À amiga Marília, pelos momentos difíceis que cedeu seu ouvido para me ouvir.

À Eliane Moreira que foi o ponto inicial dessa caminhada.

Aos bolsistas e membros do NUPHEBRAS, especialmente Cláudia Montserrat e Márcia Cristina minhas colegas de pesquisa, Sérgio Felipe e

André Lauriano que me socorreram nos momentos difíceis desta caminhada.

As funcionárias: Celinha, Lúcia, Nedina, Lúcia e Zelane(BSPG), Leila, (CD), Cristina (secretaria de pesquisa) Inês e Sônia (pós graduação) que sempre me ouviram e atenderam aos meus pedidos

À Alessandra Pestana e colegas do Instituto Fernandes Figueira que se preocuparam e me ajudaram no dia-dia.

Às enfermeiras: Fátima, Noélia, Glória e Sueli do Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz, que me pouparam e facilitaram nos momentos que necessitei.

IN MEMORIAN

Minha tia Virgínia – mesmo ausente foi uma lembrança constante na concretização deste estudo. Saudades.

SUMARIO

RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
ÍNDICE DOS DOCUMENTOS	xiii
INTRODUÇÃO	1
ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA	7
CAPÍTULO 1-	
A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA NO INÍCIO DO SÉCULO	20
<i>ORIGENS DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA</i>	20
<i>A QUESTÃO DOS ESCRAVOS LIBERTOS E A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA</i>	23
<i>A CONDIÇÃO FEMININA E A MULHER NEGRA</i>	28
<i>A NOVA FEIÇÃO URBANA</i>	35
<i>OS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS</i>	37
CAPÍTULO 2-	
A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CATEGORIA PROFISSIONAL PARA MULHERES (BRANCAS)	44
<i>MOÇA DE BOA FAMÍLIA COMO FIGURA-TIPO DE CANDIDATA À ENFERMEIRA</i>	44
CAPÍTULO 3-	
ROMPENDO AMARRAS, TRANSPONDO BARREIRAS	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
BIBLIOGRAFIA	101
ANEXOS	107

RESUMO

SENA, Antonia Regina Messias Fernandes. *Aspectos étnicos na configuração da enfermagem moderna no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro, 1999. 119 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo de natureza histórica e de abordagem qualitativa, tem como objeto a inserção de mulheres negras no corpo discente da Escola Anna Nery, suas dificuldades vividas na pré-seleção, na admissão e no âmbito escolar, provenientes do preconceito racial. O estudo abrange os anos 20 e 30, período que corresponde à predominância de enfermeiras estrangeiras na direção da instituição. Os objetivos traçados são: descrever as dificuldades de ingresso de mulheres negras/mestiças no corpo discente, nos primórdios da escola, analisar as dificuldades de inserção de mulheres negras/ mestiças no corpo discente, nos primórdios da escola e discutir as circunstâncias que possibilitaram que algumas mulheres negras/ mestiças viessem a se diplomar pela EAN. A análise de documentos escritos e fotográficos acrescidos de depoimentos me levam a afirmar que na EAN havia práticas veladas de racismo, e as moças negras / mestiças que lograram entrar na escola tiveram que romper amarras e transpor barreiras.

ABSTRACT

SENA, Antonia Regina Messias Fernandes. *Aspectos étnicos na configuração da enfermagem moderna no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro, 1999. 119 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

This study was accomplished in the social history perspective and has as purpose the access of negress women into the students staff of Anna Nery Nursing School, coming from the racial prejudice. Theincludes the years of 20 and 30, period that correponds to the foreign nurses predominance in the direction of the institution to coordinate and to direct the study, objectives were elaborod such as the description of the difficulties of the entrance of negress and mestizo women into the students staff, in the beginning of the school. The analysis of the difficulties of this admission and the discussion of the circumstances that made possible the graduation of some negress and mestizo women in the Anna Nery Nursin School. The written and fotografic documents used to make the research belong to the Documentation Center of Anna Nery Nursing School's heritage, two alumnae's statements were also taken. The analysis of those primary sources, as well as of the pertinent literature made evident the existence of racism pratics more or less hidden. From this way the negress and mestizo women that achieved to enter the school had to break the chains and cross over the obstades to graduate themselves. Despite of this negress women alumnae emphasized the importance of having obtained the nursin diploma for their lives' history.

ÍNDICE DOS DOCUMENTOS

- Doc. 1- figuras-tipo de mulheres representantes das três raças fundadoras do povo brasileiro.
- Doc. 2- pintura do ideal de miscigenação das raças, proveniente do branqueamento
- Doc. 3- aquarela de Jean-Baptiste Debret de um grupo de mulheres negras no início do século exercendo profissões
- Doc. 4-- panfleto de divulgação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (1922)
- Doc.5- foto de grupo de professoras primárias (1923)
- Doc.6- carta de recomendação A (1922)
- Doc.7- carta de recomendação B (1922)
- Doc.8- ficha de inscrição A (1922)
- Doc.9- ficha de inscrição B (1926)
- Doc.10- carta consulta sobre a possibilidade de entrada no curso (1923)
- Doc.11- foto de candidata (1928)
- Doc.12- prova de ditado (1922)
- Doc.13- foto de grupo de alunas com professoras em frente ao internato (1928)
- Doc.14- trecho do original relatório de Ethel Parsons (1926)
- Doc.15- foto de diplomada (1928)
- Doc.16- foto de diplomada (1929)
- Doc.17- ata da reunião das alunas da classe senior (1926)
- Doc.18- folha produzida pela estudante (1932)
- Doc.19- relatório bimensal enviado pela superintendente do Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública Ethel Parsons à diretora da escola sobre motivo e justificativa de demissão sumária de aluna. (1929)

Doc.20- documento interno enviado pela superintendente Serviço de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública Ethel Parsons à senhora Miss Walther, responsável pela disciplina de Prática relatando as modificações realizadas por ela (1924)

Doc.21- recorte de “O JORNAL”(1926)

Doc.22- foto de grupo de alunas com professoras na recepção de toucas ocorrida na turma de 1932.

Doc.23- foto de grupo de alunas com professoras na recepção de toucas ocorrida na turma de 1935.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto a inserção de mulheres negras no corpo discente da Escola Anna Nery. Tomando como referência o preconceito racial, muito marcante na cultura brasileira, procuro analisar as dificuldades que essas mulheres encontraram nas etapas de seleção, admissão e também no âmbito escolar. A pesquisa abrange os anos 20 e 30, período que corresponde à predominância de enfermeiras estrangeiras na instituição mencionada.

Situando historicamente essa etapa da história da enfermagem no Brasil, é pertinente assinalar que, em 1920, Epitácio Pessoa criou o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), com o propósito de desenvolver ações normativas e executivas em âmbito nacional. Carlos Chagas, que assumiu as funções de Diretor desse Departamento, no período de 1920 a 1924, conferiu prioridade às questões sanitárias, promovendo a participação dos sanitaristas nas decisões de caráter político.

Em visita aos Estados Unidos, a convite do diretor do Conselho Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller no Brasil, Lewis Wendel Hackett, Carlos Chagas pôde conhecer o trabalho das enfermeiras visitadoras daquele país. Impressionado com esse tipo de intervenção, o sanitarista brasileiro recorreu à Fundação, solicitando apoio para a criação de um serviço de enfermeiras de saúde pública na capital federal. Como resultado dessa iniciativa, implementou-se aqui a Missão Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento da Enfermagem (Missão Parsons), a qual permaneceu por uma década (1921-1931). O trabalho dessa equipe contou com a chefia da enfermeira Ethel Parsons, que priorizou três frentes de trabalho:

a organização de um serviço unificado de enfermeiras de saúde pública; a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, conforme os altos padrões da enfermagem norte-americana; e a reorganização do Hospital Geral de Assistência do referido Departamento, cujo propósito maior era o de servir como campo de prática para as alunas de enfermagem que, ao mesmo tempo, forneciam mão-de-obra para o hospital (Barreira, 1997, p. 1-2).

Enquanto a organização do serviço de enfermagem de saúde pública ficou a cargo da própria Ethel Parsons, auxiliada por sete enfermeiras americanas, no hospital e na escola, atuaram profissionais de enfermagem de várias nacionalidades (da Europa e da América do Norte). No entanto, a direção da escola sempre ficou reservada a uma enfermeira americana, que acumulava a função de chefe do serviço de enfermagem do hospital.

No que concerne ao meu interesse pelo assunto, ao iniciar o estudo dessa temática, como bolsista de Aperfeiçoamento¹ do CNPq, encontrei algumas referências ao assunto em relatórios de pesquisadoras do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem (Nuphebras). Considerei instigantes informações como as apresentadas por Barreira (1995) e Sauthier (1996, p.139). Por exemplo (Barreira, op.cit., p.25) ressaltava *que nem todas candidatas eram bemvindas, pois foram sistematicamente excluídas da Escola de Enfermeiras do DNSP, as mulheres de “comportamento duvidoso”, as casadas e as negras*. Neste sentido, Barreira comenta:

¹ Projeto integrado “A Prática de Enfermagem no Brasil: A enfermeira de Saúde Pública nos anos 20”, coordenado pela professora Ieda de Alencar Barreira e apoiado pelo CNPq.

No que se refere à oportunidade de ingressar à escola preparatória de enfermeiras, evidencia-se a existência de pré-juízos, sendo que o preconceito de classe era sobrepujado em muito pelo preconceito racial, que chegava à prática intencional da discriminação. (Barreira, op.cit., p. 26)

Por outro lado, ao consultar as fichas de inscrição das alunas da primeira turma, percebi que as mesmas não incluíam o dado relativo à etnia, o que sugere um silêncio proposital sobre um assunto.

Analisando o fenômeno à luz da cultura da época, ele se torna explicável, pois, segundo a perspectiva das enfermeiras americanas, oriundas de uma sociedade onde a prática da discriminação racial era institucionalizada e, da mesma forma, no contexto dos valores dominantes entre as famílias brasileiras brancas, a mulher negra não se inseria no perfil de “moça de boa família”². E esse era um dos critérios norteadores da avaliação das candidatas à profissão. A partir de tal pressuposto, não há como negar que as dificuldades das candidatas “de cor” para ingressar na escola já estavam estabelecidas, mesmo antes do processo de seleção.

Diante dessas informações preliminares, considere relevante desenvolver uma pesquisa que focaliza o objeto apresentado no início do presente capítulo. Minha decisão apóia-se na premissa de que a melhor compreensão desses problemas no passado é instrumental valioso para entender as raízes de antigos preconceitos e da prática atual da discriminação sócio-cultural das pessoas negras. O tema é de especial interesse para a enfermagem, em particular, por ser significativo o número

² Termo cunhado do trabalho intitulado “Moça de boa família como figura-tipo de candidata à enfermeira” (Sena, ARMF e Barreira, I.A. Revista de Enf. da UERJ, V.7, n. 2, 143, Dez./98).

de negros e mestiços no seu quadro de pessoal. A esse respeito, é reforçadora a informação de (Navarro apud Gastaldo, 1989, p.10), quando afirma que *“no caso do Brasil, é ainda, em grande parte, o contingente de etnia negra na profissão”*.

Em outras palavras, ao estudar a inserção da mulher negra na escola e na docência de enfermagem, tenho a intenção primordial de olhar para o passado, relacionando-o ao presente, numa visão prospectiva. Nesse sentido, é muito fecundo o estudo da história, com o qual estou envolvida há quatro anos. Cabe acrescentar que, ao realizar esta dissertação, tenho o desejo de contribuir igualmente para a produção científica do Núcleo de Pesquisa de História da Enfermagem Brasileira (Nuphebras), da Escola de Enfermagem Anna Nery, do qual faço parte.

O tema, além de sua importância intrínseca, reveste-se de significação especial para mim, como enfermeira negra. Ao longo da vida, tenho experimentado os efeitos das práticas de discriminação, tanto no âmbito mais abrangente das relações sociais, como no contexto desta escola. Apesar do transcurso do tempo, desde os anos vinte até os dias atuais, ainda convivemos com situações desagradáveis, que indicam, explícita ou implicitamente, preterição ou preconceito. A consequência, sempre recorrente é o sentimento de injustiça, o qual, paralelamente à indignação, nos leva a desenvolver estratégias de defesa, ou a adotar atitudes auto-excludentes, que somente reforçam as desvantagens já existentes.

Como se sabe, a possibilidade de ingresso do negro nas universidades brasileiras é reduzida, em face de diversos fatores históricos, políticos e sociais; todavia não há como negar que esses determinantes encontram sustentação no racismo, ainda presente em nossa sociedade.

Para que se avalie a dimensão desse fenômeno, é pertinente assinalar que o número de negros/mestiços que iniciam o curso superior representa menos de quatro vezes o de brancos (Ramalho et al, 1998, p. 29). Além disso, segundo a mesma fonte, a proporção de mestiços e negros que chega a fazer o Mestrado ou Doutorado é três vezes menor do que a de brancos.

A meu ver, essa baixa relação pode ser explicada, se considerarmos que os negros constituem expressivo contingente da população brasileira situada na base da pirâmide social. Esse dado de realidade determina que os estudantes negros, quando têm acesso ao sistema universitário, precisem incorporar-se ao mercado de trabalho, imediatamente após a colação de grau, se é que já não o fizeram em momento anterior.

Isso posto, posso dizer que me considero privilegiada, pois faço parte do reduzido segmento de mulheres negras que conseguiram romper a barreira do acesso à educação universitária. Além disso, encontro-me naquele grupo ainda mais restrito de mulheres negras que obtiveram um título de pós-graduação. Sem favor, nem falsa modéstia, considero-me como um dos exemplos de pessoas que desenvolveram o processo de aprendizado de que, para nós, mulheres negras, vencer em uma sociedade excludente, traz novo significado à vida, ainda que à custa de cansaços e tristezas.

Não tenho a ilusão de que este trabalho, por si só, venha a transformar essa realidade. Aliás, quanto mais estudo o tema discriminação, mais sinto que o mesmo parece inesgotável. Pretendo porém, ao analisar e compreender parte dessa problemática, mostrar que, no Brasil, sempre existe a discriminação e o estigma e que muitos de nós *possuem o preconceito de não terem preconceito*; como denunciou Florestan Fernandes (1971, p. 23-30).

Ao refletir acerca do tema, elaborei as seguintes questões norteadoras:

- ❖ Como ocorria a exclusão das candidatas negras no processo de seleção ao curso?
- ❖ De que forma algumas candidatas negras/mestiças conseguiram ingressar na Escola?
- ❖ Que dificuldades adicionais se acrescentavam a essas alunas, além daquelas inerentes ao extremo rigor que caracterizava o curso?

Para responder a tais questões, elaborei os seguintes objetivos:

- ❖ Descrever as dificuldades de ingresso de mulheres negras/mestiças no corpo discente, nos primórdios da Escola.
- ❖ Analisar as dificuldades de inserção de mulheres negras/ mestiças no corpo discente, nos primórdios da Escola.
- ❖ Discutir as circunstâncias que possibilitaram que algumas mulheres negras/ mestiças viessem a se diplomar pela EAN.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo de natureza histórico-social, no qual utilizo conceitos como *juízos provisórios*, *preconceitos* e *discriminação*, segundo o pensamento de Agnes Heller (1989). A aproximação desses conceitos à realidade estudada foi mediada por Luiz de Aguiar Costa Pinto, sociólogo e professor do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) do Rio de Janeiro, em seus estudos sobre a discriminação racial no Brasil.

A referida autora afirma que, em certos momentos da vida social são produzidos juízos provisórios sobre pessoas e situações e esses servem para orientar as ações na vida cotidiana. Essas formas de compreensão são empregadas no dia a dia de vários modos, como: a analogia e o precedente, a entonação e a mímese.

A analogia é utilizada quando classificamos uma pessoa, por semelhança, adotando-se como ponto de referência algum tipo por nós já conhecido, ao passo que o precedente é o recurso de que lançamos mão quando classificamos uma situação, por semelhança, segundo outra experiência vivida.

A entonação corresponde ao efeito produzido pela presença de uma pessoa, criando uma atmosfera diferenciada que envolve e influencia as pessoas à sua volta, seus pensamentos, atos e avaliações. Porém, quando este fenômeno não ocorre apenas em momentos e funções isolados, pois as pessoas passam a modificar seus modos de conduta e de ação, sob o efeito de tal influência, temos a mímese.

É interessante salientar, segundo Heller (op. cit., p. 37), que embora tais expedientes tenham utilidade no cotidiano dos indivíduos, esses juízos

devem ser superados, tão logo deles não mais se necessite. A autora ressalta, nesse processo, a importância do conhecimento das pessoas em sua totalidade, avaliando-as e compreendendo-as e desenvolvendo relações mais efetivas com as mesmas. Essa abertura também é necessária para que possamos captar os elementos novos de cada situação e adotar atitudes adequadas frente a eles. Em outras palavras, o emprego das citadas características do comportamento e do pensamento cotidiano (a analogia, o precedente, a mímese e a entonação) deve ser limitado, para não perdermos de vista as características individuais que distinguem as pessoas.

Quando esses juízos provisórios permanecem e se incorporam de modo definitivo à personalidade, eles se cristalizam sob a forma de preconceitos. O preconceito geralmente tem origem nas classes dominantes *mesmo quando essas pretendem contar com uma imagem do mundo relativamente isenta e desenvolver as ações correspondentes* (Heller, op cit., p. 54). O fenômeno é explicável, porque tais classes anseiam por uma estrutura social coesa, que lhes preserve os benefícios. Nessa linha de raciocínio, desejam uma evolução e mobilização da sociedade no sentido que lhes seja favorável. Porém, a situação se complica na medida em que o tecido social é formado por pessoas, classes e grupos que orientam sua vida a partir de interesses diversos, e por vezes antagônicos. Devido à rejeição que o preconceito provoca, por motivos éticos e morais, as pessoas sentem dificuldades em admiti-lo, tornando-o dissimulado e difícil de ser combatido.

Quando o preconceito torna-se intenso, a ponto de fazer com que as pessoas assumam comportamentos estereotipados, estamos diante da discriminação. Esse conceito implica a adoção de formas ativas de manter a distância social entre categorias ou grupos, através do desprezo pelo

outro, pela antipatia pelo diferente, ou mesmo através de um conjunto de práticas mais ou menos institucionalizadas e racionalizadas. Elas impedem o homem de ser autônomo, diminuindo sua liberdade de opção e, conseqüentemente, provocam estreitamento nas suas possibilidades.

A discriminação ocorre principalmente através de duas formas: direta e indireta. A primeira manifesta-se através da adoção de critérios ou regras gerais que estabelecem distinções expressas por meio de proibições ou de violência física. A segunda está relacionada com situações aparentemente neutras, mas que criam desigualdades, as quais ferem o princípio de respeito aos direitos humanos (Ramalho et al, 1998, p. 10-11).

Segundo o estudo mencionado (Pinto, 1998 p. 282), a discriminação consiste, no plano das relações sociais, na ocorrência de

eventos de maior ou menor importância imediata, mais ou menos condenados pelo que vagamente se chama de "opinião pública", vão criando, no espírito dos membros de um grupo, a noção clara e opressiva de que, por pertencerem a este grupo, eles podem vir a sofrer uma violência, uma preterição, uma injustiça, uma grosseria, uma despreferência.

A discriminação de qualquer natureza produz efeitos danosos, mesmo para aqueles indivíduos e grupos que não sofreram diretamente um ato discriminatório. Isso ocorre porque eles podem sentir-se ameaçados de tal situação. A conseqüência evidente são:

sentimentos de insatisfação, de instabilidade, de medo e de insegurança, de desequilíbrio, resultantes da convicção de que a discriminação ou o preconceito poderão atingi-los, em conseqüência de um característico seu que não está ao seu

alcance modificar, está no rosto, na pele, nos cabelos, nos lábios, na sua inevitável compleição e aparência.(Pinto, 1998, p 283).

Durante séculos, os estudiosos usaram essas diferenças para classificar, preconceituosamente, pessoas de cor negra. Porém, o preconceito não está nessas diferenças, pois ele radica no significado social atribuído às mesmas e utilizado de modo subjetivo pelos homens. Essa forma de representação, que finge ignorar as heranças culturais de diferentes grupos étnicos reforça estratégias de dominação e atende a interesses sócio-econômicos e políticos.

Tendo como referência esses conceitos básicos, no desenvolvimento da presente pesquisa, tomei como principais fontes primárias documentos escritos do acervo do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN). Atribuí maior atenção a relatórios oficiais, correspondência interna e externa e recortes de jornais da época.

Na análise documental, foi utilizado o método indutivo, a partir do concreto, mediante procedimentos ativos de interrogação dos documentos. Nesse momento, a partir do referencial teórico e de minhas próprias convicções, procurei adotar postura analítica independente da versão oficial, procurando identificar a posição política, ideológica, social, religiosa e hierárquica dos seus autores. Entendi que essa seria a forma de melhor captar as contradições ou coincidências encontradas no decorrer do estudo. A opção por esse procedimento encontra apoio em muitos estudiosos do assunto, entre os quais destaco Silva e Rabello (1992, p. 4 e 46).

Também utilizei fotografias como fontes, o que me permitiu surpreender presenças e ausências de alunas negras, bem como suas posições no espaço social representados pela imagem fotográfica. Cumpre esclarecer que as fotos não entraram no estudo apenas como ilustração, eu as considerei como fontes primárias importantes. É pertinente assinalar que a fotografia fixa as condutas socialmente aceitas, aprovadas e reguladas, evidenciando *a imagem que o grupo pretende dar de si* (Santos, 1998, p. 17).

Para auxiliar na descrição e análise dos documentos escritos e fotográficos utilizei instrumentos (anexos 1-5) que me proporcionaram oportunidade de realizar um estudo mais dirigido e classificatório dos documentos.

A seleção inicial das fotografias ocorreu a partir da classificação cronológica e temática, de acordo com o objeto de estudo e questões norteadoras. A leitura e análise do texto fotográfico comportou elementos expressivos como enquadramento, que se refere à posição do sujeito em relação às margens da imagem, disposição de planos, que caracteriza a importância do tema em relação aos elementos presentes na imagem. Desse modo, parti do pressuposto de que a disposição no espaço fotográfico permitiria apreensão deste como um espaço hierárquico, organizado segundo diferenças, em outras interações daquelas pessoas.

Confesso que encontrei dificuldade especial na seleção e análise das fotografias, apresentadas em preto e branco, devido ao meu interesse por identificar a cor das pessoas fotografadas. Curiosamente, o efeito de “reconhecimento” das mulheres mestiças ocorria com facilidade, por alunas/bolsistas também negras ou mestiças. Ao contrário, pessoas que não estão incluídas nesse grupo étnico mostraram extrema dificuldade em

apontar as moças mestiças nas fotos. Lembro que, em um dos seminários em sala de aula fui instada por algumas dessas colegas a apresentar critérios objetivos de tal classificação.

A dificuldade em estabelecer parâmetros raciais radica no fato de que a população negra brasileira é muito particular, do ponto de vista genético e, por isso, não corresponde a qualquer população de outra parte do mundo. Ela resultou da miscigenação de indivíduos de etnias muito diversas (e portanto, com características genéticas e culturais muito diferentes) vindos de diferentes regiões da África. Decorre daí a necessidade de utilizar as descrições que os antropólogos da época usavam para identificar a humanidade em tipos naturais e desenvolver sistemas simples de comparação e análise. Essas descrições baseavam-se nas diferenças físicas, que incluíam a quantidade de pigmento da pele (melanina), a compleição física, a dobra palpebral mongólica, a cor e a textura dos cabelos da cabeça. Essas características físicas, hoje pouco relevantes, há algumas décadas, eram utilizadas no ambiente configurado da civilização. Esses esclarecimentos são proporcionados por Saldanha (1989, p. 49). Assim:

as tentativas de diferenciações antropométricas, caras à classificação das raças e ao eugenismo, desapareceram da ciência moderna após a Segunda Guerra Mundial, em virtude dos progressos dos conhecimentos em genética, que tornaram esse problema obsoleto, ultrapassado e estranho à ciência. (Paty, 1998, p. 163-164).

Os antropólogos classificavam os homens baseados em critérios análogos aos das espécies animais. A noção de raça, sem conotação de hierarquia ou de valor, só exprimia uma constatação da variedade dos

caracteres humanos anatômico e fisiológicos, transcritas em termos de desigualdade ou de hierarquias.

Para o reconhecimento das alunas mestiças, apresentadas nas fotografias quanto ao tipo étnico, empreguei critérios derivados das figuras apresentadas a seguir, onde os três tipos étnicos se fazem presentes, acentuando-se as respectivas características: a mulher índia, a mulher branca e a mulher negra.

No mito de origem produzido por nossas elites na fábula das três raças, essas se misturaram em razão da “democracia racial”. Os seres diferentes biologicamente cruzaram, fazendo surgir uma gama de cores e culturas distintas e hierarquizadas (Maio, 1996, p. 4).



Doc. nº 1: figuras-tipo de mulheres representantes das três raças fundadoras do povo brasileiro.

Fonte: figura retirada do **folder** do evento: “Mulher 500 anos Atrás dos Panos”

Quadro 1: Características físicas das raças fundadoras do povo brasileiro

Tipos de raças / Atributos	Índigena	branca/mestiça	negra/mestiça
Pele	Morena	branca – parda	parda – negra
Cabelo	lisos, negros	lisos, ondulados ou anelados, castanho, louro, preto, ruivo.	Crespos, encaracolados, negros
Nariz	Ângulo reto (oblíquo)	ângulo agudo	Ângulo reto (oblíquo)
Olhos	Prega mongólica, escuros	pregas cutâneas nos ângulos internos.	prega mongólica, negros, castanhos, verdes,
Rosto	Anguloso	Oval	Anguloso

Fonte: Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo, p. 9539-40.

Outra fonte primária por mim procurada de modo a ajudar na elucidação das questões do estudo foram depoimentos de ex-alunas que

vivenciaram o cotidiano da Escola Anna Nery, em seus primórdios. Como essas pessoas contam hoje com mais de oitenta anos de idade, tornou-se difícil encontrar depoentes lúcidas e dispostas a conceder entrevista sobre tão delicado assunto. Para contornar este impasse lancei mão de outras depoentes.

Primeiro tentei entrevistar uma ex-aluna branca, que conviveu na escola, com colegas negras/mestiças, no período deste estudo. Após o envio de uma carta (anexo 6) escrita de próprio punho pela minha orientadora, explicitando a importância do seu depoimento, em um primeiro momento, ela aceitou concedê-lo, não havendo entretanto permissão para gravar.

Assim sendo, enviei-lhe um formulário (anexo 7) com algumas questões sobre a temática do estudo, para que o processo de rememoração pudesse ocorrer de forma mais rica. Depois de muita hesitação de sua parte, combinamos substituir a entrevista por respostas escritas. Durante quatro meses, mantive contatos, mas ela sempre se desculpava por não ter respondido ainda o questionário, alegando motivos de doença ou falhas de memória. Finalmente, ela declarou não ter condições de contribuir com o meu estudo.

Considerando ser o preconceito racial um traço cultural persistente, o que permite proceder por analogia, outra estratégia adotada foi entrevistar enfermeiras negras, que estudaram na escola em período posterior ao do recorte temporal do estudo mais recente. Essas entrevistas caracterizaram-se mais como temáticas, por estarem mais *vinculadas ao testemunho e a abordagem sobre algum assunto específico* (Meihy, 1994, p. 56-57); no caso, um recorte das experiências pessoais, decorrentes do preconceito racial.

Com essa estratégia, consegui marcar entrevista com uma ex-aluna negra, que estudou na Escola no início da década de 50. Nós nos conhecemos durante um evento realizado na Escola de Enfermagem Anna Nery e, nesse contato ela fez referência a uma ex-professora, a qual já estava incluída em minha lista de prováveis participantes da pesquisa.

O acesso a essa depoente foi difícil, por muitas razões. Em primeiro lugar por falta de informações corretas sobre seu endereço. Quando consegui localizá-la e estabelecer um primeiro contato por telefone, ela se mostrou acessível. Enviei-lhe então o projeto de estudo por mala postal registrada; porém, uma semana depois, ela declarou não o haver recebido. Fiz então a entrega à pessoa por ela indicada. Dois meses após, ela me pediu para adiar a entrevista devido à coincidência de nossa agenda com datas comemorativas da sua religião. A espera por essa entrevista levou cinco meses; porém, finalmente, foi concedida e representou valiosa contribuição ao estudo.

Nas entrevistas, utilizei o gravador como meio de registro, de modo a conservar a vivacidade da narração. Assim procedendo, foi possível valorizar, não somente as informações, mas também as entonações, as pausas, o sentimento, dados preciosos para o tipo de estudo que realizei.

Contei com duas auxiliares de pesquisa, as quais, além de cuidarem dos aspectos técnicos da gravação, anotaram datas, nomes e eventos citados pelas depoentes, bem como as providências e intercorrências relacionadas à marcação das entrevistas.

As dificuldades no processo de coleta de dados abalaram-me profundamente; em determinados momentos, senti-me magoada e ressentida. Não obstante, eu compreendo que as mesmas não são desprovidas de significado e, embora de outro modo, também indicam a

existência do preconceito. A esse respeito, tenho consciência de que a negação, o silêncio e a hesitação são carregados de múltiplos sentidos. Entre outros, assinalo determinada concepção de ética, segundo a qual uma visão crítica do passado teria a conotação de atitude desleal para com a escola, ou mesmo a intenção de evitar trazer à tona algo que se deseja esquecer.

Realizei pessoalmente a transcrição deste depoimento, com o auxílio das anotações feitas pelas auxiliares de pesquisa no momento da entrevista e com a indicação no texto das manifestações afetivas da depoente, principalmente no que se refere ao objeto da pesquisa (silêncios, choros, hesitações etc.).

A análise desse texto foi realizada a partir de uma classificação temática, segundo as questões norteadoras do projeto e com os conceitos teóricos adotados. Na etapa de interpretação, recorri aos conceitos teóricos de base, especialmente no que concerne ao preconceito e à discriminação, para com eles iluminar o cruzamento das fontes primárias, com as fontes secundárias.

Para apoiar o estudo, utilizei como fontes secundárias textos contendo:

- a) contexto histórico-social no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século.
- b) o processo de urbanização e industrialização.
- c) a questão racial na sociedade brasileira, com especial interesse para a condição da mulher negra.
- d) a história da enfermagem brasileira, em seus primórdios.

A triangulação dos dados foi realizada então entre os documentos escritos, fotográficos, orais e a literatura sobre o tema em estudo. A necessidade desse procedimento decorre do princípio da impossibilidade da ocorrência de um fenômeno social sem raízes históricas, sem vínculos essenciais e sem significados. Imbuída dessa convicção, atribuí à triangulação dos dados o objetivo de abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do objeto de estudo. Essa recomendação é encontrada em Triviños (1987, p. 138)

No presente estudo, os três vértices do triângulo estão relacionados:

1. com as percepções da depoente, o que veio à tona, através das entrevistas gravadas, transcrições, abrangendo o comportamento e as ações das depoentes.
2. com os documentos escritos, relacionados com a vida na escola, destacam-se entre eles as atas de reunião, as fichas de inscrições, alguns relatórios, artigos de jornais e documentos em geral expedidos internamente pela escola. Nessa ordem de raciocínio, incluem as fotografias, que demonstram parte das atividades da escola, com destaque às alunas e professoras e também à situação da mulher negra na época do estudo.
3. com a estrutura sócio-econômica e cultural da época estudada (fontes secundárias) que permitiram também a contextualização do problema.

A dissertação está estruturada em três capítulos, a saber:

No capítulo 1 *Situação da mulher negra no início do século*, apresento as origens da discriminação racial na sociedade brasileira, abordando a questão dos escravos libertos e a imigração européia, a

condição feminina e da mulher negra, a nova feição urbana, bem como os movimentos sociais urbanos.

No capítulo 2 *A construção de uma nova categoria profissional para mulheres (brancas)*, descrevo o perfil ideal da jovem candidata à nova escola de enfermeiras, segundo a perspectiva das dirigentes da Missão Parsons, analiso os obstáculos existentes à entrada de moças mestiças e faço considerações sobre as dificuldades por elas enfrentadas, quando conseguiam ingressar no corpo discente da escola.

No capítulo 3 *Rompendo amarras, transpondo barreiras*, discuto as circunstâncias que possibilitaram a conclusão do curso e diplomação de algumas moças mestiças, apesar do preconceito racial existente na escola de enfermeiras. Por último, apresento as Considerações Finais.

CAPÍTULO 1

A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA NO INÍCIO DO SÉCULO

Neste capítulo, apresento as origens da discriminação racial na sociedade brasileira, a questão dos escravos libertos e a imigração européia, a condição feminina e da mulher negra, a nova feição urbana, bem como os movimentos sociais urbanos emergentes à época.

Origens da discriminação racial na sociedade brasileira

No final do século 19, o racismo passou a ser designado como a “*nova chave da história*”. As doutrinas racistas afirmavam a desigualdade das raças humanas, tendo como base o pressuposto de que a cultura é biologicamente determinada. Essas doutrinas apoiavam-se em estudos da Antropologia Física, que pretendia “*classificar a humanidade em tipos naturais, arbitrando certas características fenotípicas, por suas freqüências em diferentes grupos humanos*”. O cerne dessa disciplina era a antropometria, a qual se propunha a relacionar características anátomo-morfológicas (capacidade craniana, índice cefálico, tipos de cabelo, conformação do nariz e dos lábios). Esses estudos deram fundamento a novas formas de interpretação da diferença e serviram como mecanismos de produção da desigualdade e hierarquização (Seiyferth, 1986, p. 54).

A classificação das raças humanas baseava-se no estudo do crânio (frenologia) ou do rosto (fisionomia). Com base nessas diferenças, estabeleceu-se o pressuposto da existência de uma hierarquia entre as raças, estando a branca em primeiro lugar, seguida pela amarela e a negra por último.

Paralelamente a essas diferenças de ordem física, o negro passou a ser percebido como preguiçoso, sensual, incapaz de raciocinar, o que

induziu uma outra avaliação, classificando-o como indivíduo próximo ao reino animal. A raça amarela, por sua vez, seria desprovida de potencial imaginativo; limitação que explicava sua capacidade para atuar principalmente (ou exclusivamente) no comércio e nos negócios. Dessa caracterização decorreu igualmente a conclusão de que indivíduos da raça amarela seriam totalmente materialistas.

Ao contrário, a raça branca, ou melhor ariana, possuía qualidades ausentes nas outras raças ou seja *seria uma raça superior, porque as suas qualidades seriam superiores à sensualidade dos negros e ao materialismo dos amarelos* (Japiassu, 1991, p.263-64).

Para o conde de Gobineau³, diplomata francês, amigo pessoal de d. Pedro II, todas as civilizações derivavam da raça branca (família ariana), a raça superior. Para ele, os negros ficaram fora da história. A miscigenação degeneraria as raças superiores e o Brasil seria um exemplo de degeneração e inferioridade devido à mestiçagem. No século 19, a miscigenação no Brasil chegara a tal ponto, que Gobineau declarou categoricamente que a exceção da Família Imperial, todos os brasileiros eram negros, mulatos, mestiços, cafuzos etc (Besouchet, 1993, p. 282).

Durante toda sua vida, ele continuou a perseguir o sonho de uma humanidade branca, com o caráter antigo da raça mais pura (op. cit., p. 303). As idéias do naturalista inglês Charles Darwin sobre a evolução das espécies foram utilizadas para servir ao sistema colonial, pela invenção, por analogia, da doutrina do “darwinismo social”. A metáfora da “sobrevivência dos mais aptos” justificaria a dominação dos brancos sobre

³ Conde de Gobineau, escritor e escultor, autor do livro “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas”, amigo pessoal de D. Pedro II.

o resto do mundo, bem como a profecia de que os demais, como os negros, sucumbiriam à seleção natural e social (Skidmore, 1976, p. 46).

Seguidores de Gobineau no Brasil, como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Viana, preocupados e indignados com o produto final da mistura das raças anunciado pelos pensadores estrangeiros, com o propósito de suavizar essa visão negativa, incentivaram a tese do branqueamento e do “mestiço superior”. Declaravam que a miscigenação das raças levaria a um branqueamento, se fosse realizado com “mestiços superiores” (os de tês branca), resultando em um povo e uma nação limpa, ou seja higienizada.

Diante da composição étnica do povo brasileiro, o branqueamento seria um mal menor, porque o “limparia” do excesso de sangue negro. A população negra diminuiria progressivamente em relação à branca, por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças, e a desorganização social. Assim, a mestiçagem produziria naturalmente uma população mais clara, em parte, porque o gene branco seria mais forte, mas também dependeria de que as pessoas procurassem parceiros sexuais mais claros do que elas (Skidmore, op. cit., p. 81).

Enfim, a teoria do branqueamento consistia em que uma quantidade grande de sangue branco poderia depurar o sangue negro. Assim a mestiçagem, formaria um tipo racial mais eugênico, que evitaria a degeneração racial, melhorando a qualidade racial, como declarava Silvio Romero: pela seleção natural, todavia depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo (Romero apud Chiavenato, 1980, p. 174).

No entanto, para que tal teoria pudesse mostrar resultados, seria necessária a aplicação firme de políticas demográficas e sociais. Como assinala Romero apud Chiavenato (op. cit., 174):

dois fatos contribuíram largamente para esse resultado: de um lado, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e do outro a emigração européia

A questão dos escravos libertos e a imigração européia

A organização da sociedade sem escravos, iniciada no Brasil em 1889, foi um problema que se arrastou durante muitos anos, pois toda a economia do país dependia do tráfico e da escravidão. O governo, preocupado com a economia, incentivou a vinda de imigrantes, concedendo-lhes auxílios para facilitar sua entrada no país. A instalação de fábricas favoreceu o fenômeno da urbanização, pois os trabalhadores do meio rural emigravam também para a cidade, que lhes oferecia um amplo campo de trabalho como o artesanato, o comércio ambulante, o trabalho na fábrica ou no serviço doméstico (Fausto, 1997, p. 274-275).

O processo de passagem da condição de escravo para cidadão ocorreu sem que se considerasse o que seria necessário oferecer ao novo contingente de trabalhadores libertados. Os negros foram declarados “livres” e, após essa sentença, encontraram-se sem abrigo, trabalho e meios de subsistência. Após esse ato, não houve qualquer medida dirigida para proporcionar-lhes meios de sobrevivência, como a posse da terra para sua fixação e trabalho (Maio 1996 p. 31).

A questão da imigração⁴ vinha sendo discutida desde a virada do século, havendo um interesse evidente na caracterização do Brasil como país civilizado ou, pelo menos, capaz de superar o atraso. Tanto para a substituição do trabalho escravo pela mão de obra assalariada, como para a melhoria da raça, valorizava-se a colonização com imigrantes procedentes de tais civilizações, propiciando assim a assimilação do índio e do negro, pela miscigenação das três raças. Esperava-se que tais movimentos, em última instância, trouxessem benefícios econômicos e sociais (Skidmore, 1976, p.62).

Nesse processo, os trabalhadores não especializados, entre os quais se incluíam os de cor negra, que optavam por vir para a cidade, tinham de competir com os imigrantes, muito mais bem preparados (Skidmore, op. cit., p. 64).

Com a abolição, o negro tornou-se livre, porém permaneceu marginalizado, sendo substituído pelo trabalhador branco europeu. Esse fenômeno foi resumido em poucas palavras, na seguinte formulação do advogado e político Aureliano Tavares: *Para mim, o imigrante europeu devia e deve ser o alvo de nossas ambições, como o africano o objeto de nossas antipatias* (Azevedo, s/d, p. 10).

O médico e antropólogo físico João Batista de Lacerda, diretor do Museu Nacional, declarou no I Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres, em 1911, que o Brasil mestiço de então encontrava-se em processo de branqueamento, o que deveria ocorrer nas próximas gerações. (Maio 1996, p. 9). Tais noções persistiram através do tempo, pois décadas depois o sanitarista J. P. Fontenelle comentava:

⁴ Com a primeira guerra mundial o fluxo imigratório foi reduzido, mas após o fim do conflito, retorna e se

Um país imenso e de baixa população não pode dispensar de considerar com muito cuidado a necessidade de atrair imigrantes de boa qualidade, para poder ocupar e explorar todo o território. A imigração apresenta múltiplos problemas de higiene, o mais importante dos quais deve ser o das raças, si se tem em vista fazer a população do país tender a certa uniformidade étnica (Fontenelle, 1930, p. 769).

Outro eminente brasileiro, historiador e político, João Pandiá Calógeras, também escreveu sobre o branqueamento, numa conferência para estrangeiros, no Rio de Janeiro em 1930. Após comentar a significativa contribuição do africano para construção do Brasil, concluiu que:

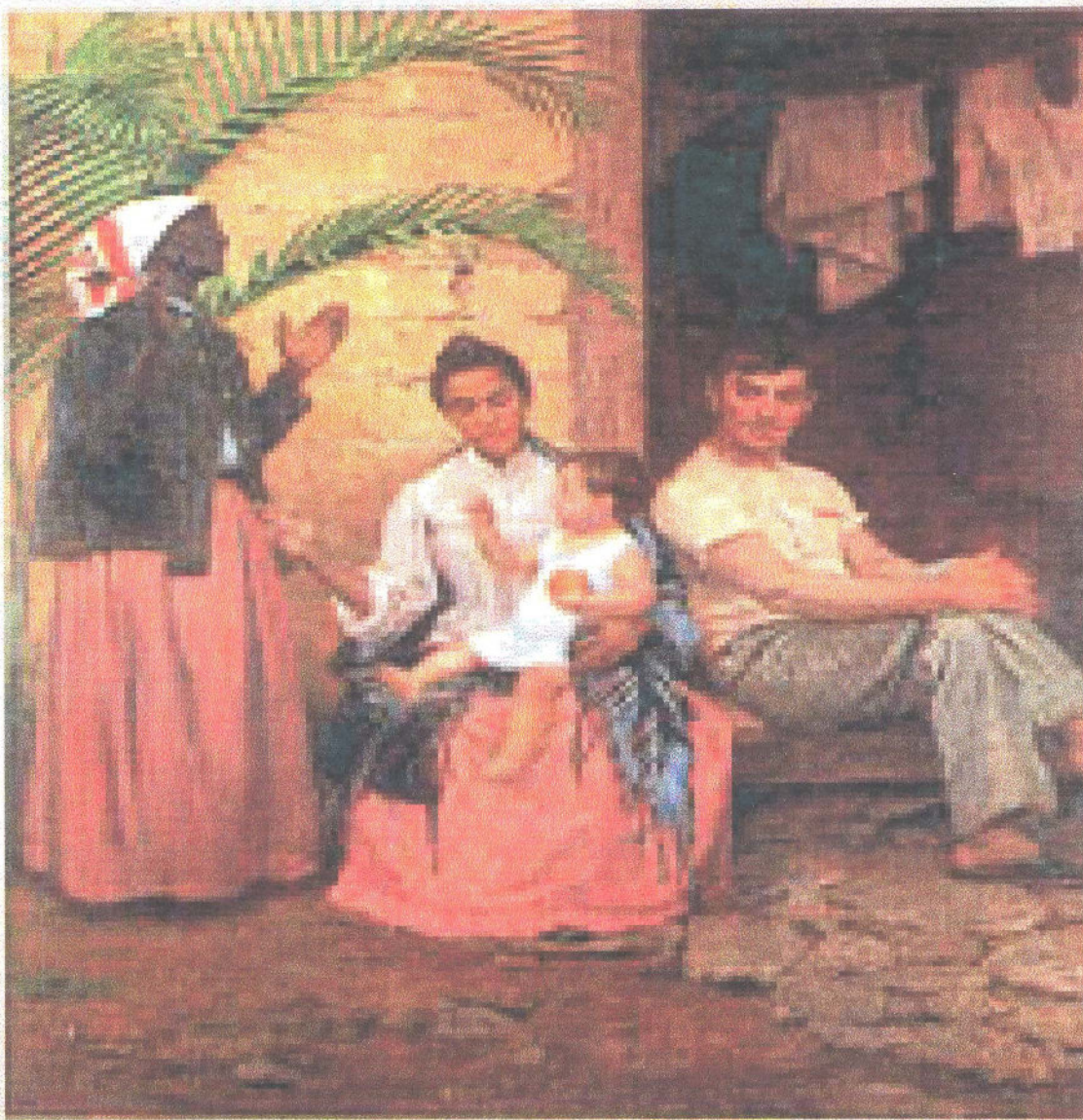
A mancha negra tende a desaparecer num tempo relativamente curto, em virtude do influxo da imigração branca em que a herança de Cam se dissolve Roosevelt tinha observado com exatidão que o futuro nos reserva uma grande alegria: a feliz solução de um problema inçado de tremendos, mortais, problemas – os problemas de um possível conflito entre as duas raças (Calógeras in Skidmore, 1976, p. 224).

A questão racial vinha sendo discutida sob a égide da eugenia⁵, que assumia como atribuição prioritária, além da criação de hábitos sadios, a realização da grande aspiração da reforma sanitária do Estado: a robustez do indivíduo e a virtude da raça, tendo como principais alvos *a criança, o*

⁵ Eugenia: segundo Ferreira, é a Ciência que estuda as condições mais propícias à reprodução e ao melhoramento da raça humana.

imigrante e as raças inferiores; como principal discurso o eugenismo; e como instrumento, a higiene da raça (Garcia, 1993, p. 191).

O documento nº 2 dá suporte à tese de branqueamento da raça, se observarmos a imagem das três gerações nele representada. A primeira figura, da esquerda para direita, representa uma mulher negra africana da primeira geração. No centro da composição, vê-se uma mulher mulata, correspondente à segunda geração. A criança mulata, mais clara, com traços europeus e negros, é resultado do cruzamento da mulata com um branco.



Doc. nº 2: condensa-se nessa pintura o ideal de branqueamento, resultante de miscigenação das raças.

Fonte: Modesto Brocos y Gomez, Coleção Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

A idéia da eugenia perpassou todo o século 20, fazendo com que os negros fossem excluídos do mercado de trabalho, entre outros motivos porque tiveram que enfrentar a concorrência desigual, determinada pela implementação de uma política imigrantista. Como assinalei anteriormente, à marginalização do ex-escravo, seguiu-se sua estigmatização como rude, preguiçoso, indolente, enfim componente de

uma raça inferior. Essa representação, associada a formas concretas de exclusão, na prática, impediu sua ascensão social e econômica.

A condição feminina e a mulher negra

No que concerne ao trabalho feminino, no Brasil, no fim do século 19, as freiras encarregavam-se de inúmeras atividades necessárias à sociedade, especialmente no campo da educação, da saúde e da assistência social. É conveniente assinalar que, à época, a maioria das mulheres era “do lar” (Nunes, 1997, p. 482). Em outras palavras, podemos afirmar que as mulheres brasileiras, casadas ou solteiras, trabalhavam quase que exclusivamente em casa, pois o âmbito doméstico era o espaço feminino, por excelência.

A organização patriarcal da sociedade estava embasada no trabalho gratuito da mulher dentro da família, em atividades como manutenção da casa, cultura e preparo dos alimentos e confecção dos bens utilizados no lar. Certamente, o modelo de mulher devotada e de sacrifício teve conseqüências em sua desvalorização profissional, política e intelectual. O pressuposto subjacente a esse ideário é de que a mulher deve esquecer-se de si e realizar-se através das conquistas pessoais e profissionais dos filhos e do marido (Rago, 1985, p. 65).

No entanto, já depois da promulgação da Lei do Ventre Livre (1871) o governo procurou atrair mulheres de imigrantes para substituir a mão de obra escrava, tanto na lavoura, nas fazendas de café, quanto nas fábricas que surgiam nas cidades. Durante a Primeira República, a condição da mulher negra, empregada doméstica, ainda se assemelhava à da escrava que aprendia artes domésticas, para serem alugadas a famílias que precisassem de seus serviços, até mesmo como amas-de-leite (Rago, 1997, p. 580).

A igreja adotava como regra geral a divisão de funções por sexo, pois desejava manter a mulher vinculada aos afazeres de casa e da igreja e o homem ao sustento da família. As restrições da igreja católica à atuação da mulher na sociedade pode ser percebida no trecho abaixo, extraído de um artigo de uma revista cristã:

Inicialmente recomenda-se padrão de conduta no qual a mulher desempenha papéis que a afastam da participação integral da sociedade, dedicando-se à vida religiosa e familiar. O ideal feminino e seu destino natural – alheamento do mundo, perene sofrimento e renúncia – configura-se através de virtudes como pureza, bondade, paciência e abnegação. Alcança a mulher com essa conduta a recompensa da salvação eterna (Prandi, 1975, p. 30).

No Brasil, a religião hegemônica oficial continua a ser a católica, mesmo após a separação entre a Igreja e o Estado. O culto à Virgem Maria, em sua ambigüidade de virgem e de mãe, servia de exemplo às mulheres solteiras e às casadas. No seio da igreja, as mulheres cumpriam tarefas domésticas como a de limpar altares, arrumar as flores e as roupas na igreja; porém, as mulheres negras e mestiças eram excluídas, sob a alegação de que não possuíam pureza no sangue e tendiam para a lascívia e a luxúria⁶ (Nunes, 1997 p. 489).

No alvorecer da República, a enfermagem era uma importante ocupação feminina, à qual se dedicavam mulheres de diversas condições sociais (religiosas-católicas, leigas de pouca instrução e escravas). Essa

⁶ O preconceito arraigado se prolonga através dos anos na cultura brasileira, que considera negras e mulatas mais sensuais do que as brancas e que por isso se tornavam objeto de violência sexual.

circunstância é muito importante para que se compreenda sua posição hierárquica e a natureza das atividades que lhes eram atribuídas. Desse modo, mesmo antes do advento de enfermagem nightingaleana (1923), a enfermagem já se configurava como ocupação feminina. É pertinente assinalar, a esse respeito, a predominância de mulheres e à natureza do trabalho por elas realizado (Santos, 1998, p. 64).

Quanto às oportunidades de educação, às mulheres cabia principalmente a educação e não a instrução, ficando essa reservada aos homens⁷. Mesmo que, mais tarde, a educação feminina formal representasse um ganho, ela continuaria sendo justificada pelo seu destino de mãe, como se vê na primeira lei de instrução pública no Brasil de 1827, citada por Louro (1997, p. 447).

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus, são as origens das grandes desordens, como dos grandes bens, os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.

As mulheres de família burguesa, até o casamento, eram quase que totalmente impedidas de sair de casa, a não ser acompanhadas pelo pai ou irmão. Os contatos com o mundo social, externo à residência restringiam-se à frequência à missa, sob a vigilância da mãe ou a atividades similares e a companhia de rapazes era absolutamente proibida. As jovens mantinham-se ocupadas com atividades que faziam passar o tempo, sempre

⁷ A Constituição Republicana assegurava “que todos eram iguais perante a lei”, mas a mulher era mantida na condição de menoridade, tutelada pelo pai ou pelo marido. O direito ao voto à época lhe era negado, o que motivou a campanha sufragista, principal bandeira do movimento feminista (Leite, 1984, p. 74).

observadas e reguladas em seus atos. A “moça de boa família” era aquela que sabia bordar, fazer crochê, conhecia música, tendo boa formação e não desempenhava atividades fora do lar. As casadas eram dedicadas ao marido e aos filhos e teoricamente desobrigadas de qualquer trabalho produtivo (Esteves, 1989, p. 46-49 e Sena et al, 1996, p.6).

As mulheres de família pobre e branca podiam optar pelo trabalho nas fábricas, enquanto à mulher negra só restavam as profissões de doceira, rendeira, fiandeira, entre outras de natureza análoga, contudo muitas aprendiam ofícios diversos, como relata Leite (1984, p.71): “uma negra muito bem vestida, trabalhava em toiletes para as mulheres mais elegantes e nos bordados mais delicados”.

Além da dominação e dos constrangimentos impostos às mulheres em geral, as negras trabalhavam nos setores mais desqualificados, recebendo os mais baixos salários. No entanto, sua função de procriação era motivo de preocupação das elites brasileiras, como ressalta Rago (1997, p. 583):

*Na verdade, além de suprir o mercado livre com mão de obra barata, as elites brasileiras, inspiradas pelas teorias eugenistas que se formularam na Europa e nos Estados Unidos, preocupavam-se profundamente com a formação do **novo trabalhador brasileiro**, cidadão da pátria, disciplinado e produtivo - e evidentemente, dedicavam muitas horas discutindo o **embranquecimento e o fortalecimento da raça**⁸.*

⁸ Grifo da autora.



Doc. nº 3: aquarela de Jean-Baptiste Debret de um grupo de mulheres negras no início do século exercendo profissões como vendedoras de frutas e comidas em geral. Evidenciando que até os anos 30 nada havia mudado no que concerne às profissões. Fonte: FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, p.126.

As divisões nas oportunidades de escolarização ocorriam, principalmente, em conformidade com a classe social de origem, que implicava formas diversas de educação. As mulheres da classe média aprendiam a ler e a escrever e as da classe alta obtinham também iniciação na música, especialmente o piano, bem com o conhecimento das línguas francesa e inglesa. As mulheres da classe baixa, onde se encontrava a maioria das mulheres negras, só em casos raríssimos aprendiam a ler e a escrever. Elas cresciam “em liberdade” e seguiam seus instintos, sucumbindo à sedução e tornando-se mães muito cedo (Leite, 1984 p. 70 e 87).

A visão conservadora sobre a função educativa, a ser desempenhada pela mulher, era compartilhada pela classe operária, como se pode inferir da seguinte ponderação de um tecelão:

Oxalá que elas saibam compreender seu papel de educadoras daqueles que amanhã serão os nossos substitutos na luta do pão e na conquista do bem-estar da humanidade, pois assim, demonstrarão à sociedade serem as verdadeiras rainhas do lar (Rago, 1985; p. 69).

As mães operárias, desde cedo, vinham trabalhando fora de casa, mas recebiam remuneração inferior à dos homens. Nesse contexto discriminatório, a mulher negra, por haver sido avaliada a partir de pressupostos negativos, encontrava-se em dupla desvantagem, tanto na divisão por gênero, como na divisão por cor. A educação das crianças, principalmente as negras, ocorria no trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência, pois elas não eram aceitas nas escolas comuns e nem mesmo nas religiosas (Louro, 1997, p. 445).

Com a crescente urbanização e industrialização, o mercado de trabalho passou a oferecer maiores oportunidades de vagas para trabalhadores qualificados. Homens e mulheres começavam a ocupar as salas de aula. Todavia, o magistério era representado como extensão da maternidade, uma vez que as mulheres eram as primeiras e “naturais educadoras”.

Nesse movimento social, as escolas normais recebiam, como clientela privilegiada, um contingente expressivo de moças brancas, sendo raras as ocorrências de moças negras. Além da formação para o magistério, o curso representava oportunidade de preparação para o

casamento e para a maternidade. Diante desse compromisso, não é surpreendente constatar que o currículo do curso incluísse a disciplina *Economia Doméstica*. Além disso, buscava-se, nessas escolas, uma sólida formação moral, através de orientação religiosa, além de regras e práticas que delimitavam as características definidas como naturalmente femininas. É muito ilustrativa desses aspectos a seguinte “*oração do mestre*” escrita por uma aluna:

Senhor! Tu que me ensinaste, perdoa que eu ensine e que tenha nome de mestre que tiveste na terra [].
Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, como as mães, o que não é carne da minha carne. Dá que eu alcance fazer de uma das minhas disciplinas o verso perfeito e deixar gravada na sua alma a minha mais penetrante melodia, que há de cantar, quando meus lábios não cantarem mais (Louro, op. cit., p. 462-3).

Paralelamente à análise dessa visão romântica do trabalho da mulher no magistério, na década de 20, surge uma nova profissão, estritamente feminina, que oferecia às mulheres a oportunidade de uma “emancipação com honra”: a de enfermeira diplomada. No entanto, como analiso ao longo desta pesquisa, o acesso ao curso de enfermeiras era orientado por rígidos critérios de seleção, entre os quais o de seleção racial.

Ainda nessa linha de pensamento, é conveniente registrar, que, no plano mais geral da sociedade, as transformações sociais, dialeticamente relacionadas ao movimento revolucionário de 1930, atraíram para o mercado de trabalho parcelas cada vez maiores da população feminina. Assim é que:

Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões, não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de se terem alterado profundamente os seus papéis no mundo econômico. O trabalho nas fábricas, nas lojas, nos escritórios, rompeu o isolamento em que vivia grande parte das mulheres alterando, pois, sua postura diante do mundo exterior. (Saffioti, 1979, p.180).

Todavia, a despeito dessas mudanças, as mulheres negras permaneceram concentradas nas ocupações de mais baixo prestígio e remuneração, reforçando a concepção da inferioridade natural da mulher negra.

A nova feição urbana

No início deste século, o presidente Rodrigues Alves (1902-1906) desejava mostrar aos estrangeiros uma cidade civilizada. Para tanto, concentrou poderes nas mãos de engenheiros e médicos, com a responsabilidade de que efetuassem o projeto de modernização da capital. Esse foi imposto à população com violência, sob a liderança do engenheiro Pereira Passos e do diretor geral de saúde pública, o cientista Oswaldo Cruz.

A urbanização da cidade do Rio de Janeiro, realizada pelo prefeito Pereira Passos, não tinha como objetivos somente a estética e a urbanização da cidade. Ela se orientou para disciplinar a forma de ocupação dos espaços, evitando assim a manifestação de massas e a repetição de conflitos ocorridos anteriormente no centro da cidade. Com essas medidas, pretendia organizar socialmente a população (Resende, 1993, p. 110).

Para abrir espaços, demoliram meia cidade, arrasando morros, destruindo casarões e cortiços. O centro da cidade era o local de moradia preferido pelos pobres, devido à proximidade do trabalho, pela oferta de quartos a preços acessíveis, além da facilidade de serviços diversos nas adjacências. A abertura da Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), com seus edifícios de belas fachadas, leito extenso e prédios comerciais de estilo europeu, foi realizada às custas da população pobre. Esse segmento foi desalojado de uma hora para outra e obrigada a construir barracos nos morros, desprovidos de saneamento básico e de estrutura urbana (Caldeira et. al., 1997, p. 243-6).

A construção do Teatro Municipal foi, mais tarde, criticada pelo escritor e jornalista Lima Barreto, com a sua habitual contundência:

Veio o Passos e tratou de construir o teatro. A justificativa de tal construção era a educação artística do povo. Passos, porém, com que menos se preocupava era com o povo. Homem de negócios, filho de fazendeiro, educado no tempo da escravidão, ele nunca se interessou por semelhante entidade. O que queria era um edifício suntuoso, onde os magnatas da polícia, do comércio, da lavoura e da indústria pudessem ouvir ópera, sem o flagelo das pulgas do antigo Pedro II (Barreto, 1956, p. 24).

Nesse contexto sócio-político, as campanhas de Oswaldo Cruz tinham a finalidade de sanear o porto do Rio de Janeiro, de importância vital em uma economia agro-exportadora. As campanhas contra a febre amarela, a peste e a varíola incluíam medidas compulsórias relativas ao domicílios e ao próprio corpo das pessoas. Os desdobramentos práticos

dessa política levaram à indignação popular expressa por meio de revolta armada contra a vacinação contra a varíola. Esse movimento popular é conhecido como: “*a revolta da vacina*”, que pode ser assim explicada:

a classe pobre, cuja grande maioria é composta pela população negra, vê assim chegar o progresso como uma forma de terror, em função de um discurso de higiene, acusados de serem os transmissores de moléstias e por isso nocivos à sociedade (Chalhoub, 1997, p. 29).

Outro fenômeno a assinalar nessa análise é que, com o processo de industrialização urbana, surge uma classe operária que procura organizar-se. Como primeira manifestação, eclodiu a greve de 1917, de caráter reivindicatório. A greve paralisou São Paulo, o Rio de Janeiro e algumas outras cidades (Caldeira et al., 1997, p. 251).

A Liga pró Saneamento do Brasil, criada desde 1918, era integrada por médicos, antropólogos, militares educadores, juristas e o próprio presidente da República Wenceslau Brás. No bojo de suas propostas, merece relevo a nacionalização dos serviços sanitários e a identificação das características da população rural. É oportuno acrescentar que a epidemia mundial da gripe espanhola, que atingiu as grandes cidades brasileiras, desorganizando completamente a capital do país, veio a fortalecer esse movimento. Note-se que, além do grande número de mortes e da carestia que se instalou, as autoridades mostraram-se incompetentes para fazer face à calamidade, levando ao descrédito a estrutura sanitária federal. (Lima, 1968, p.26).

Os movimentos sociais urbanos

As décadas de 20 e 30 foram marcadas por sucessões de presidentes, cujas políticas não encontraram respaldo nos segmentos das classes de

trabalhadores e militares. Eclodiram greves no porto do Rio de Janeiro, revoltas militares e epidemias. (Caldeira et al., 1997, p. 253-256).

Enquanto o movimento operário arrefecia, aumentou a intervenção do estado nas relações de trabalho e a população continuava carente de direitos e de organização (Fausto, 1997, p. 303-305). Tendo em mente esse clima de insatisfação social Getúlio Vargas empreendeu uma política dirigida aos trabalhadores. Seu principal principal objetivo foi obter o apoio dessa classe e acalmar os ânimos, nas suas relações com o poder público (Caldeira et al., 1997, p. 266-267). Parte dessa política orientou-se para ampliar direitos e garantias do trabalhador como: férias, regulamentação do trabalho de mulheres e crianças, previdência social etc...

Como referi em momento anterior deste estudo, no início do século, o único espaço profissional aberto às mulheres de classe média era o magistério. Com o transcorrer do tempo, embora criticadas, algumas lideranças femininas passaram a ocupar espaços sociais, em luta por seus direitos. Com tal intenção, criaram-se organizações associativas de mulheres. Essas, em sua maioria eram constituídas por participantes oriundas da classe média. Entre esses movimentos, merece destaque o grupo das sufragistas, que lutou pelo voto feminino, (Leite, 1984, p.192). A reivindicação em defesa do direito das mulheres de participar de eleições foi reforçada com a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, criada por Bertha Lutz, em 1922. Essa organização, mais tarde, recebeu o nome de Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e usava o lobbying e a divulgação pela imprensa, como forma de veiculação de seu ideário e de mobilização social (Alves e Pitanguy, 1991, p. 47)

O presidente Epitácio Pessoa respondeu às pressões sociais, com a iniciativa de criar o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), que

organizava e dava maior amplitude aos serviços sanitários federais. Como mencionei em capítulo anterior, Carlos Chagas⁹, cientista de renome internacional, foi nomeado diretor do DNSP, com a missão de promover uma reforma sanitária (Maio, 1996, p. 33-36).

O Regulamento Nacional de Saúde Pública de 1923 previa a licença maternidade pelo prazo de trinta dias antes e após o parto e propunha a criação de locais próprios para a amamentação (Rago, 1997, p. 69-70). Entretanto o direito à cidadania política, ou seja, o direito ao voto, só foi conquistado pelas brasileiras, em 1932. Porém foi anulado em 1937, com a instauração do regime ditatorial do Estado Novo.

Não obstante essas lutas e avanços no campo da política, a ideologia dominante referente às funções sociais da mulher não foi alterada substancialmente. Nesse sentido, preservou-se praticamente intocada a função materna como prioritária.

A força do eleitorado feminino, no Brasil, representou, efetivamente, um elemento conservador, ligado à oposição da igreja.(...) As mulheres que lutaram pelo sufrágio não questionavam a maternidade enquanto “destino inevitável”, ou as tarefas tradicionais femininas. Aceitavam como papel precípua das mulheres a criação e a educação da geração imatura e a dedicação aos afazeres domésticos (Ribeiro 1993, p. 211).

No que se refere à condição da negra na sociedade, sob o impacto do desenvolvimento capitalista e do processo de mobilidade social, ocorreu

⁹ Carlos Chagas foi diretor do DNSP no período de 1920 à 1926.

uma diferenciação interna entre os negros, com o surgimento de uma pequena parcela de classe média, principalmente de intelectuais. Eles formaram uma “elite negra”, que luta por um lugar no espaço social ocupado pelas classes médias e superiores da sociedade brasileira e agem como “porta-vozes” das angústias e aspirações de seu grupo natural étnico.

Enquanto se processavam essas mudanças na vida social mais ampla, o contingente de negros, em sua maioria, continuava a ser submetido a regras, valores e princípios derivados da tradição conservadora, sem que se possa registrar significativas alterações de função ou de estrutura. Essa análise encontra respaldo na interpretação que transcrevo a seguir:

As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos, seus desfiles suas missas solenes, seus símbolos, seus dias santificados que se assemelhavam com as Irmandades brancas, reuniam sob a égide da religião “oficial” a camada que se satisfazia suas aspirações e interesses com esse ritual (Pinto, 1998, p. 218).

A propósito dessas associações, é pertinente assinalar a presença de outras que se fizeram notórias, especialmente na década de 20, como: a capoeira, a macumba, o folk, as escolas de samba, o samba de roda e as gafieiras, que funcionavam como associações recreativas. Esses ambientes contavam com a frequência da classe operária do Rio de Janeiro, o que vale dizer: congregava a maioria esmagadora dos negros aqui residentes. (Pinto, op. cit., p. 230-1).

Quanto ao reduzido segmento de negros, que lograram ascensão social, esses viram-se obrigados a pagar o tributo à sua nova posição, pois, para transpor individualmente a linha da cor, a meta era atingir o

desenvolvimento intelectual, o brilho nas artes, a celebridade literária (Pinto, op. cit., p. 238-9). Obviamente, que tal propósito demandava a superação de dificuldades adicionais àquelas interpostas aos grupos da população branca.

Em contraposição a essa velha elite de negros, assimilados à ideologia dominante, surge uma mobilização intensa, que passou a liderar um movimento de luta para que o negro tivesse respeitado seu direito de pleno acesso e participação nos benefícios da vida social. Para atingir esse alvo, a nova elite negra atribuiu ênfase ao desenvolvimento da consciência grupal, de revalorização da “raça”.

A Frente Negra Brasileira começou a ser articulada em 1928, quando houve uma tentativa de se realizar um congresso da mocidade negra. O movimento só se constituiu de fato, no início da década de 1930, tendo como principais organizadores Arlindo Veiga dos Santos e José Correia Leite. O objetivo da Frente, segundo seus estatutos, era o de promover “a *união política e social da gente negra nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude de uma atividade moral e material no passado, e para a reivindicação dos seus direitos materiais e políticos atuais na comunhão brasileira*”. Conforme os estatutos, a organização pretendia congregar negros de ambos os sexos, visando “à *elevação moral, intelectual, artística, teórico-profissional e física e à assistência, à proteção e à defesa social, jurídica e econômica do trabalho da gente negra*”.

A frente pleiteava cargos eletivos de representação para os negros, tendo apresentado aos constituintes, reivindicações de igualdade de direitos. Após a fundação, a entidade experimentou um rápido crescimento, formando-se núcleos em várias cidades brasileiras, inclusive

no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além disso, para divulgar suas posições, a organização editou o jornal *O Clarim da Alvorada*. (Dicionário histórico-biográfico: 1930-1938, 1984, p. 1393).

Em 1930, depois da revolução, começaram a emergir no Brasil associações negras chamadas de “novo tipo”. Essas eram compostas pela elite negra e tiveram curta história, devido às crises e tensões que assinalaram esse período. Esse aspecto é abordado por (Pinto, 1998, p.242), nos seguintes termos:

Daquelas que primeiro surgiram, nenhuma sobreviveu até hoje: apareceram como sintomas e disso não conseguiram passar. De resto, a partir de 1935 e, especialmente, de 1937 a 1945, a situação política nacional era adversa a movimentos e organizações como estas, de base popular e caráter reivindicativo totalmente estranhas no quadro de relações de classe e de raça no Brasil.

Logo que se instalou o Estado Novo fechou-se a Frente em 1937. O enfraquecimento ocorreu, como em outras associações negras, em consequência das divergências internas do grupo, que levaram ao fracionamento do grupo e à sua dissolução. Segundo os esclarecimentos do mesmo estudo anteriormente referido:

a falta de interesse e dinamização, o caráter eventual e episódico de grande número dessas associações, resulta do próprio quadro de relações de raças peculiar ao Brasil e está presente e explica a rotina do nascimento, vida e morte de mais de uma centena de organizações de homens de cor que,

por todo país, surgiram e desapareceram sem deixar rastro brilhante.

As associações que tinham por objetivo expresso a luta por ascensão social, a busca da igualdade efetiva com o branco e o combate ao preconceito, tendiam a fracassar, precisamente, *porque tais associações parece que só passam a exercer uma função útil quando, independentemente delas, esta ascensão já atingiu um certo estágio e, então, cabe a uma elite arrastar as massas na aceleração desse processo (Pinto op. cit., p. 217).*

No entanto, no governo Vargas havia a prática institucionalizada do racismo como atesta a existência de um laboratório de Antropologia Criminal, de cunho racista:

Este também criou um laboratório de antropologia criminal, no qual praticava-se racismo e discriminação sob a alegação de ciência. Ali Leonídio Ribeiro iniciou pesquisas sobre os biótipos dos negros criminosos e dos homossexuais que lhe garantiriam o prêmio Lombroso, em 1933 (Pinheiro, 1991, p 262).

Na verdade, o problema social não resolvido com a luta das associações e movimentos negros constituiu nova barreira, provocando um estado de angústia nos negros que, por um longo tempo, permaneceram sem “porta vozes”.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CATEGORIA PROFISSIONAL PARA MULHERES (BRANCAS)

Neste capítulo, descrevo o perfil ideal da jovem candidata à nova escola de enfermeiras, segundo os requisitos estabelecidos por suas dirigentes, enfermeiras participantes da Missão Parsons. Com base nesses dados, analiso os obstáculos existentes à entrada de moças mestiças no corpo discente e faço considerações sobre as dificuldades que as mesmas enfrentavam, quando conseguiam ingressar no corpo discente da escola.

Moça de boa família como figura-tipo de candidata à enfermeira

Inicialmente, é oportuno assinalar que a exclusão de candidatos do sexo masculino do processo de seleção à escola não constituía novidade, uma vez que a profissão de enfermagem era considerada feminina por natureza. Esse princípio foi destacado pela primeira diretora da Escola Anna Nery, cujo discurso reproduz o pensamento de Florence Nighitingale, ao declarar que: *“uma boa enfermeira é antes de tudo uma boa mulher”* (Kieninger, 1923).¹

Para compreender a associação entre a categoria de gênero e a profissão de enfermeira, lembro que, já no século 19, Florence considerava que toda enfermeira deveria ser uma pessoa com quem pudesse contar, isto é, capaz de ser uma profissional de “confiança”. Deveria ser estritamente sóbria, honesta e mais do que isso, ser uma mulher religiosa e devotada.

¹ Memorando da diretora. Localização: EEAN, Centro de Documentação (CD), doc. 3, cx. 1.

Esperava-se ainda que se revelasse observadora, segura, direta, rápida, e de sentimentos delicados e modestos (Nigthingale, 1969, p. 138). Esse perfil profissional, atribuído pela sociedade às mulheres, e pelas escolas às alunas de enfermagem, tinha conotação moralista, com consequência diretas para o regime disciplinar da escola.

O discurso de miss Kieninger sobre o perfil da enfermeira assinalava como importantes tanto as qualidades pessoais, como o respeito às regras morais, estabelecidas pela sociedade conservadora da época às moças de “boa família”. O discurso que transcrevo a seguir é elucidativo dessa relação:

Pensar em ensinar enfermagem, sem se preocupar com a parte moral individual seria o mesmo que pensar em construir castelos em areia. No momento crítico, ruiriam.
(Kieninger, 1923)¹¹.

As qualidades indicadas nas intenções e no comportamento desejado para as alunas do curso de enfermagem realçavam a estrita obediência às regras morais vigentes, como se pode despreender do que segue:

Uma instituição, com o fim de cuidar de doenças, não é o lugar para uma moça que não deseja agir quanto seriamente e cujas intenções não sejam de andar bem, tanto o juízo humano possa determinar (Kieninger, 1923)¹².

¹¹ Memorando da diretora. .Localização: EEAN, (CD), doc.1 cx.1.

¹² Memorando da diretora. .Localização: EEAN, CD, doc.1 cx.1.

A divulgação do curso desenvolveu-se mediante um apelo às moças brasileiras, para que se inscrevessem no curso de enfermeiras. A argumentação apoiava-se na tese de que a profissão deveria ser exercida por pessoas do sexo feminino, destacando ser o exercício da enfermagem uma chance para as mulheres de “emancipação com honra”, como ressaltou Carlos Chagas (Brasil, DNSP, 1922, p. 6). Para compreender esses argumentos, é pertinente reiterar que o trabalho feminino fora do lar era visto com sérias reservas, até mesmo dentro da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um “bom partido”, para casar assegurando desta forma, seu futuro. Como alternativa a esse ideal de realização feminina, a enfermagem constituía a possibilidade concreta de prover o sustento e até o de outros membros da família.

O **panfleto de divulgação** (doc. nº4) evidencia que os critérios estabelecidos pela Escola de Enfermagem para a admissão eram: ser mulher solteira, ter de 20 a 35 anos, ser diplomada por uma escola normal, ou ter feito estudos equivalentes; atestar boa resistência física, mentalidade perfeita e ausência de defeitos físicos ou doenças contagiosas, e apresentar carta de recomendação.

A enfermeira pôde também assumir varias posições administrativas que requeiram instrução e habilidade de execução.

No Exército, na Marinha e na Cruz Vermelha desempenha a enfermeira, em tempo de guerra, o mais patriótico serviço que a mulher possa prestar a seu país.

A profissão de enfermeira offerece muitas vantagens sobre os outros empregos femininos :

Vantagens da profissão de enfermeira

1.º — a profissão de enfermeira não exige muitas despesas para a instrução ;

2.º — a moça ganha experiencia enquanto estuda e logo depois entra num campo em que a procura é maior que a offerta ;

3.º — o ordenado pago ás enfermeiras habilitadas é igual ou superior ao que é pago nas outras profissões femininas ;

4.º — não ha limite profissional para a subida de uma boa enfermeira, si ella tem aspirações e quer trabalhar para alcançá-las ;

5.º — caso queira casar-se, em nenhuma outra profissão encontra a mulher mais solido preparo nos conhecimentos sobre alimentação, sobre hygiene e sobre os cuidados com os filhos.

Por causa de seu trabalho technico, relativo á vida e á morte, deve a enfermeira possuir boa base educativa, saúde perfeita e personalidade moral que a faça digna de confiança, criteriosa, compassiva, resoluta e corajosa.

Qualificações para a enfermeira

Escola de Enfermeiras do D. N. de Saúde Publica

O objectivo da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Publica é preparar moças brasileiras que queiram occupar posições de responsabilidade no Departamento, nos hospitais do Brasil e nos domicílios onde houver doentes.

Objectivo

A candidata á matricula na Escola de Enfermeiras deve ser diplomada por uma Escola Normal, ou ter feito estudos equivalentes.

Estudos prévios

A candidata deve apresentar documento firmado por medico da Saúde Publica attestando solida constituição, boa resistencia, mentalidade perfeita e ausencia de defeitos organicos e doenças contagiosas.

Saude

As alumnas devem ter de 20 a 35 annos, embora seja possivel admittir excepções a esta regra, em condições especiaes.

Idade

Doc. nº 4-Panfleto de divulgação do curso de enfermagem da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, 1922, (p.7) onde se apresentam as vantagens da profissão e as qualificações exigidas.

Localização: EEAN, CD, doc.01 cx.1.

Analizando-se tais exigências, segundo os critérios sócio-econômicos e raciais, é evidente que, para algumas candidatas, as primeiras dificuldades se apresentariam antes mesmo da inscrição à seleção. “Deste modo, as

dificuldades das candidatas “de cor” para ingressar na Escola já estavam dadas, mesmo antes do processo de seleção” (Barreira, 1995, p. 25-26).

Provavelmente, o primeiro obstáculo a ser superado pelas moças negras/mestiças seria a própria **escolaridade**, pois (...)

a situação da mulher era de poucas oportunidades de profissionalização e ascensão social pela educação. A situação mais se agravaria quando a mulher fosse de cor negra, pois, mesmo após a abolição dos escravos, continuavam elas trabalhando nos setores desqualificados e recebendo baixos salários e tratamentos ofensivos (Rago, 1997, p. 582).

O registro fotográfico de um grupo de professoras primárias, em 1923 (doc. n.º 05), é ilustrativo do acesso diferencial das mulheres negras à educação. Note-se que nesta fotografia só encontramos uma professora negra, que aparece ao fundo, no terceiro plano da foto, ou seja segunda aluna da 3º fila, da esquerda para direita. Sua localização no espaço fotográfico configura o afastamento da figura central da foto, representada pela professora idosa, que se encontra rodeada por suas jovens discípulas e que provoca, por sua simples presença, o que Heller, (1989, p. 52) chama de entonação. A reprodução do comportamento e das atitudes consideradas adequadas a uma professora, a partir do princípio imitativo, que Heller denominou de *mímese*, e que era considerado essencial para o sucesso profissional também se tornava mais difícil para as moças negras/mestiças, provenientes de famílias que não haviam incorporado comportamentos e atitudes coerentes com o padrão desejado.



Doc. n.º 5: foto de grupo de professoras primárias em 1923, evidenciando a presença de somente uma professora negra que aparece no 3.º fila, da esquerda para direita.

Fonte: Del Priore, Mary. A mulher na história do Brasil, São Paulo: Contexto, p. 467.

Outra dificuldade para atender às exigências à inscrição no curso seria a obtenção de **cartas de recomendação** apropriadas. Tal documento exigia conhecimentos com pessoas influentes na sociedade. Impunha-se, assim às futuras candidatas de origem pobre e de raça negra ou à sua família o constrangimento de pedir tal carta a uma pessoa com a qual não se tivesse relações de amizade que tornassem natural um tal pedido. Além disso, os termos de uma carta de recomendação são muito variáveis e dependem da boa vontade ou simpatia de quem a concede em relação à pessoa recomendada. No (doc. n.º 6) vemos uma carta simples e discreta, na qual um homem público (e portanto, inclinado a atender pedidos de sua clientela) ao indicar a futura candidata, apesar de atribuir-lhe um “comportamento exemplar”, declara apenas ter convivido com ela durante

“algum tempo”; nada havendo que desabonasse sua conduta. É interessante assinalar que o signatário deixou de fazer referências às qualidades morais e intelectuais que valorizariam a candidata. Já outra carta (doc. nº 7), mais detalhada e elogiosa, e assinada pelo professor de violino da candidata (o que denota educação esmerada) ao indicar a candidata, declara conhecê-la “de perto, há sete anos”, além de especificar suas altas qualidades como: “inteligência, consciência reta, honestidade e dedicação”. É claro que esses termos da carta de recomendação tendem a ampliar sobremaneira as chances dessa candidata.



Camara Municipal de Villa Conquista

Em 9 de Agosto

de 1922

C/ 342

Exma. Snra.

Em resposta ao vosso officio de ldo corrente, posso informar, quanto a Iraci Teixeira, e não Iracema Teixeira, por não conhecer esta ultima, sendo a primeira de comportamento exemplar porquanto esteve algum tempo em minha casa, é o que posso afirmar. Reitero os meus protestos de elevada estima e considerações.

Saude e Fraternidade

O Presidente

Leopoldo Albuquerque Silva

A Exma Snra. Superintendente da Escola de Enfermeiros

Miss Louise Kieninger

Rio de Janeiro

Doc. nº 6: Carta de recomendação simples, expedida pelo diretor da Câmara Municipal de Villa Conquista, 1922.

Localização: EEAN, CD, doc.13, cx. 01.

ESCOLA DE MUSICA
ARCANGELO CORELLI

SECRETARIA: BUA XXXXXXX - XXXXX
INSCRIÇÃO: XXXXXXX
R. Salgado de Sá n. 64
RIO DE JANEIRO

Rio, 11 de Abril de 1922

Mrs. Ethel Parsons

Responsável Geral do
Colégio de Enfermeiras do
Hospital N. de Santa, Publico

Respeitosas saudações.

Em resposta a Vossa de 3 de Abril, na qual se podia ler
que se caracterizava confidencial sobre a Sra. Argentina Filange,
a declarar que
como seu professor de violino e como Director Techni-
co do Gremio Arcangelo Corelli (de qual ella foi, por dois
annos Secretaria) conheço-a ha perto de sete annos e fa-
ço de sua intelligencia, consciencia recta, honestidade e
dedicação o melhor conceito, julgando-a assim perfeitissima.
Leve a estas dignificantes de enfermagem.
Tenho, outrossim, o maior prazer ao dar essa informação
que representam inteiramente o meu conceito sobre esta
moça.

Com mais, enciro V.S. aceitar meus protestos de alta estima e conside-

Serv.atto.

Frederico

Doc. nº 7: Carta de recomendação detalhada e elogiosa, expedida pelo professor de música da candidata, 1922.

Outro momento crucial para quem desejava corresponder às expectativas da escola ocorria no ato do preenchimento da ficha de inscrição. Os dados solicitados tornavam inevitável revelar certas características pessoais ou familiares, como relações sociais e religião. Por outro lado, nessas fichas, não se encontrava espaço previsto para o dado relacionado à etnia, o que parece evidenciar um silêncio proposital sobre um assunto que se desejava evitar. Todavia, anotações relativas à etnia, eram posteriormente registradas à mão, pelas professoras encarregadas do

processo de seleção. Essa prática ficou evidente em duas fichas de inscrição, onde foram escritas a palavra “black” (doc. nº 8). e a expressão “very dark” (doc. nº 9). Essas anotações, no mínimo desvelam discrepância entre os critérios explicitados no formulário e os adotados no processo seletivo.

Outro ponto a assinalar é que a situação de algumas candidatas ao curso poderia ser de desvantagem, após a análise pelas professoras das respostas por elas escritas. Por exemplo, na **ficha de inscrição** (doc. nº 8), a candidata referencia duas pessoas que tinham como profissão “auxiliar de autópsia” do Instituto Médico Legal, as quais, supostamente não teriam status social suficiente para recomendar uma candidata ao curso. Em outra **ficha** (doc. nº 9) a candidata declara ser adepta de todas as religiões, quando, na verdade, na escola apenas as religiões cristãs seriam aceitáveis.

QUESTIONARIO PARA USO DAS VISITADORAS E AUXILIARES CLINICAS

Black

Nome: *Sra. Gerolama de Carvalho* Data do nascimento: *28 de Maio 22*
 Endereço actual: *Alameda Portugal n.º 54, Estação Mar del Rey*
 Endereço permanente: *Alameda da capital*
 Nome do parente mais proximo: *Geraldo José de Carvalho*
 Endereço permanente: *Alameda da capital*

Escola: *Academica*

NOME DAS ESCOLAS FREQUENTADAS	N.º DE ANOS	MESES EM CADA ANNO	DATA DA GRADUAÇÃO DE GRADUADO
<i>Preparatoria Corina</i>	<i>1916 a 1920</i>	<i>Todos</i>	<i>30 de Maio de 1920</i>

Ocupações anteriores:

ESPECIE DE EMPREGO	NOME DO PATRÃO	DURAÇÃO DESTA EMPREGO

Solteira? *sim* Casada? *nao* Viuva? *nao* Tem filhos? *nao*

Tem algum defeito physico? *nao* Qual?

Gosta de boa saúde? *sim* Altura? *alta* Peso? *80 kg.*

Nacionalidade: *Brasileira* Religião: *Catholica*

Tem algum preparo ou pratica de nurse? *nao*

Onde? Quanto tempo?

De nomes e endereços dos superintendentes da Escola Preparatoria e medicos com quem

trabalhou, deve ser preenchido com a lista da pagina

De tres referencias:

NOME	ENDEREÇO
<i>Dr. Antonio do T. M. Lafont</i>	
<i>Dr. Carlos de Almeida</i>	
<i>Dr. Amelino de Castro</i>	
<i>Dr. Francisco dos Santos</i>	
<i>Dr. Auxilio de Castro</i>	

Doc. n.º 8: Ficha de inscrição contendo a palavra "black", no canto da folha à esquerda. As profissões das pessoas referenciadas pela candidata, se encontra no final da ficha.

QUESTIONARIO PARA USO DAS VISITADORAS E AUXILIARES CLINICAS

Nome *Adalgiza Ramos de Saiva* Data do nascimento *12 9 63*Endereço actual *Rua Goyan 354*Endereço permanente *11*Nome do parente mais proximo *José Ramos de Saiva Junior*Endereço permanente *Rua Goyan 354*

Educação Acadêmica:

NOMES DAS ESCOLAS
FREQUENTADAS

N.º DE ANOS

MESES EM
CADA ANNODATA DA CESSAÇÃO
DE GRÁ

Escola Padre Antonio Vieira 2 annos
sendo o ultimo por terminação do curso em
1919 por La Perum bro

Ocupações anteriores:

ESPECIE DE EMPREGO

NOME DO PATRÃO

DURAÇÃO DESTA EMPREGO

É peltura? *Sim*

Tem algum defeito physico?

Qual?

Grau de boa saúde? *regularmente* Altura? *1,57* Peso? *37 kg*Nacionalidade *Brasileira*Religião *adapta todas*

Tem algum preparo ou pratica de nurse?

não

Onde?

Quanto tempo?

Dê nomes e endereços dos superintendentes da Escola Preparatória e medicos com quem trabalhou.

NOMES

ENDEREÇOS

*José Joaquim Osorio**Timóteo Fragoso 17**Antonio Loller**Hospício 34**José Ignácio Louza**Jorge Rudge 90*

Doc. n.º 9: Ficha de inscrição contendo a expressão "very dark", no lado esquerdo central da folha. Localização: EEAN, CD, Mod. K, doc. 160, cx. 02, 1922.

Desconfiando dos critérios oficiais de seleção, e portanto insegura quanto à sua aceitação pela escola, uma candidata negra enviou à diretora

da escola, uma **carta-consulta**, (doc. nº 10) na qual informava sua cor e condição social e indagava sobre a possibilidade de sua entrada na instituição. No ângulo superior esquerdo da carta, há a seguinte anotação: “Sent papers to fill on 27/4/23”. (Enviados formulários para preenchimento em 27/4/23).

No entanto, nos arquivos do Centro de Documentação da EEAN, não foi encontrada resposta a essa correspondência e o nome dessa potencial candidata não consta da relação de alunas do curso. Possivelmente, sua condição social e seu traço étnico a colocaram em tal posição de inferioridade que a desqualificaram como candidata, mesmo sem submeter-se ao processo de seleção oficial.

S. Paulo 9 de Abril de 1923

Senhorinha Louise Kieninger
M. D. Directora da Escola de Enfermeiras

Saudações

Tendo a felicidade de lêr um dos seus estatutos e sendo uma coisa que eu desejava a muito tempo, resolvi escrever-lhe pedindo explicações mais detalhadas, e, ao mesmo tempo peço mandar-me dizer se poderei ser admitida no numero das estudantes desse hospital. Receio offerecer-me porque sou uma moça de cor; mas eu acho que é bastante ser brasileira para ser patriota não ha necessidade de cores.

Posso alguns preparos mas não sou formada. Falta de recursos que não continuei os estudos de Escola Normal.

Aguardo ansiosa uma resposta favoravel de V. S. e sem mais subs. com est. e consideração p^{ra} e obgd^a

Celisa de Campos
Rua Onze de Agosto n.º 41
S. Paulo

Doc. nº 10: Carta enviada por uma candidata ao curso de enfermeiras da Escola de Enfermeiras do DNSP para a diretora Miss Louise Kieninger. A carta trata do perfil da candidata para o curso.

Localização: EEAN, CD, doc.22, cx.02, 1923.

É relevante acrescentar que às candidatas residentes em outros Estados, era solicitado o envio de fotos, o que possibilitaria, ainda antes da seleção, a exclusão das candidatas portadoras de atributos fisicos considerados negativos, como estigmas raciais. Esta exigência está evidenciada em **fotografia** (doc. nº 11), na qual sobre o retrato de uma

candidata, aparece o registro por ela manuscrito: “Para atender a um pedido exigido na Escola de Enfermeiras Anna Nery, envia sua fotografia como candidata a esse curso” (a ortografia foi atualizada).



Doc. nº.11: Retrato enviado por candidata ao curso, residente no estado do Rio Grande do Norte, por solicitação da Escola de Enfermeiras do DNSP. Ano: 1928. Candidata de cor branca.

Localização: EEAN, CD, Arquivo Fotográfico.

Após a inscrição, o processo seletivo incluía provas escritas (de conteúdo equivalente ao curso normal), exame médico e entrevista. Como referi anteriormente, é admissível que as moças negras e mestiças enfrentassem grandes dificuldades para serem aprovadas nas provas de conhecimentos, nas quais elas entravam em desvantagem, devido à

precariedade de seus estudos. A **prova de ditado** poderia ser uma dificuldade intransponível, como mostra o doc. nº 12, que apresenta numerosos erros de ortografia.

Prova de ditado da escola de enfermeira
 Dictado

O dia 15 de Junho de 1860, era dia claro,
 sereno, e fresco, como costumam ser chamados
 o inverno, no interior do Brasil.

Viham o sol alto, em seu percurso, encanando
 raios com seus raios, não muito ardent,
 com variações entrecupidas, a estrada
 cujo aspecto anhouco tentamos de
 escrever, que na villa de Sant'Anna de
 Paranaíba vai ter as camadas de camadas
 de uma hora, um diaganis montado no
 com este trabalho chamado gorda, e mais
 ra, seguiu aquella estrada.

Com a fisionomia e maneiras de traçar
 denunciavam de montão, que não era homem
 de vida sedentosa e comum, ou algum fazendeiro
 ou de aquellas cercanias que voltam
 para casa.

Trazia na cabeça um chapéu do chitão
 de abas amplas, de chigilho de lagar,
 deita preta sobre os olhos de posyada
 de variegada cores calcalva, e
 botas de couros da Rússia perfeito
 e em bom estado de conservação.
 Tinha quando 25 annos, presença
 agradável, olhos negros e sem rugas
 dos barba e cabellos cortados quase a

Além desses critérios, havia ainda o exame médico, por meio do qual se deveria “*atestar boa resistência física, mentalidade perfeita e ausência de defeitos e doenças contagiosas*”. Devido à falta de precedentes, nos termos de Heller,(1989) em relação a esta situação, as candidatas poderiam perceber como deprimente ter que falar de seus problemas físicos, caracterizando o momento como de constrangimento e guardando esta lembrança desagradável até o momento da formatura. Assim manifestou-se uma aluna, ao lembrar esta experiência:

Imagina que tiveram a audácia de perguntar o nosso peso, a nossa idade e até os nossos defeitos físicos! Custou a alguns confessar os seus defeitos e desconfio que muitas entraram sem contar que tinham dentadura, cabelos pintados, etc. Confesso que até hoje não me conformei com tantas exigências. Parece que brincaram à nossa custa! (As Pioneiras, 1925, p.34)

Na entrevista, de caráter eliminatório, eram apreciados aspectos como aparência, distinção, fluência verbal, valores e ideais, cuja avaliação era carregada de alto grau de subjetividade e calcada na visão de mundo do avaliador. Por isto mesmo, talvez o momento mais desafiador do processo fosse mesmo a entrevista (coletiva), que poderia ser causa de sofrimento. É ilustrativo o seguinte relato de uma candidata:

Pior ainda do que os exames foi uma entrevista que tivemos, no dia seguinte, perante uma comissão. O olhar daqueles que a constituíam, nos feriram mais do que aguçados espinhos! Tão mal nos fizeram naquele longo tempo (5 minutos) que ali permanecemos. Com certeza, já adivinharam, mas mesmo

assim, vou citá-los: Mrs. Parsons (enfermeira), Miss Kieninger (enfermeira), Dr. Chagas e Dr. Plácido Barbosa. (ambos médicos sanitaristas) (As Pioneiras, op cit, p. 35).

Apesar dos empecilhos e das dificuldades havidas no processo de seleção, algumas moças negras/mestiças ingressaram na escola, pois talvez fosse complicado fazer uma triagem étnica explícita em uma população tão miscigenada. O documento nº 13 registra a presença de alunas mestiças, embora em número pouco expressivo.



Doc. nº 13: pose grupal registrada após a cerimônia de recepção de toucas, realizada na residência das alunas, Avenida Rui Barbosa, em 1927.

Localização: EEAN, CD, Arquivo fotográfico, 1927.

Trata-se de uma pose do tipo grupal, cujo enquadramento é central e simétrico e de composição horizontal, registrada após a cerimônia de recepção de touca, realizada na Avenida Rui Barbosa, em 1927. O cenário é a entrada principal do prédio, cuja pequena escadaria ensejou a formação de quatro fileiras de pessoas. Figuram na foto trinta pessoas, todas do sexo feminino, sendo duas enfermeiras e todas demais alunas. Na primeira fila, observam-se dez pessoas, todas de cor branca. Na segunda e na quarta fila, nota-se a presença de alunas mestiças. A diretora da escola, Loraine Geneviève Dennhart e sua assistente, Edith de Magalhães Fraenkel estão na primeira fila e ao centro da composição (quinta e sexta figura, da esquerda

para direita). O posicionamento delas no espaço fotográfico demonstra liderança e distinção sobre o grupo de alunas, ao tempo em que dão a entonação ao grupo. Em outras palavras, suas presenças produzem uma atmosfera específica, refletida nas alunas através de seus semblantes sérios, posturas eretas e distribuições dos corpos no arranjo fotográfico.

O ritual de “recepção de toucas”, instituído em 1923, ocorria após um período probatório de quatro meses, quando a aluna passava a ocupar um status mais elevado na coletividade. As aprovadas nesse período preliminar participavam desse evento de grande força simbólica. A recepção da touca representava a integração efetiva da aluna no corpo discente da escola, a aquisição de atitudes como o domínio de si mesma e a devoção à causa da enfermagem, passando então a praticar/prestar serviços de enfermagem (Barreira, 1996, p. 199 e Santos, 1998 p. 80).

A presença das alunas mestiças em uma cerimônia de importante efeito simbólico parece responder indiretamente à acusação feita pelos jornais de oposição, que acusavam a direção da escola de discriminação racial na seleção de candidatas à Escola de Enfermeiras Anna Nery.

O fato é que, a partir da classe de 1926 (ingressada em 1924), a questão da discriminação racial na seleção das candidatas tornou-se aguda. Ethel Parsons, em seu relatório daquele ano, confirma a adoção desse critério de exclusão, argumentando não ser a Escola de Enfermeiras a única no país a proceder desse modo. Cita como exemplo a Escola Naval (doc. nº 14).

[...] Even the Naval Academy placed every obstacle in the way of admission of negro candidates..¹³

Cabe ressaltar que uma missão americana também foi contratada para preparar a citada, escola, através de seu ensino técnico profissional (Corrêa, 1997, p.135). Portanto a situação era a mesma na Escola Naval brasileira. Na verdade o problema não consistia na exclusão ou admissão de pessoas de cor, pois o aspecto mais grave era a seleção preferencial, omitida através de critérios que, às vezes, eram seguidos, mas que tinham como objetivos o impedimento da entrada de pessoas negras e, assim, a oportunidade de ascensão a carreiras e funções melhor qualificadas. Como explicita o relato abaixo:

Certa feita, dois jovens não obtiveram nota de oficialato¹⁴ na Escola Naval e recorreram aos tribunais, o que tornou pública a questão. Por coincidência, ambos eram mulatos. Segundo fomos informados, esse dispositivo regimental da “nota de oficialato” foi modificado depois disto (Pinto, 1998, p. 123).

A ocorrência e divulgação de casos onde pessoas negras encontravam obstáculo à entrada ou ascensão a determinadas profissões se reflete nos homens que ainda não sentiram a consequência desse tipo de preconceito. Mas é também admissível a ocorrência de sentimentos de insegurança e angústia diante perspectiva do risco de um dia ter de enfrentar o fantasma da discriminação.

¹³ O plano da Academia Naval era colocar vários obstáculos na admissão das candidatos negros.

¹⁴ No curso da Escola Naval, os jovens que terminam o curso devem obter do Conselho do Almirantado a chamada “nota de oficialato”. Esta nota é eliminatória e basta um voto contra do guarda-marinha para não prosseguir na carreira. Os julgamentos e notas são mantidas sob sigilo, só tendo acesso ao resultado final. Pinto, 1998, p. 123).

Acerca dessa possibilidade, Pinto (op cit, p. 284) argumenta:

[...] embora, por acaso, isto jamais lhe aconteça, o fato é que ele passou a vida sob o peso, presente e arrasador da idéia de que tal poderia ter acontecido.

A articulação do texto fotográfico com o trecho do relatório abaixo (doc. nº 14) que registra a fala da superintendente, Ethel Parsons, no que se refere à permissão da entrada na escola de algumas alunas mestiças, evidencia uma estratégia de condescendência.

*As a matter of fact, there were three students already in the school who, though white, showed some traces of negro blood.*¹⁵

Desse modo, as moças negras ou mestiças, como as que aparecem nos doc. nº 15 (p. 68) e 16 (p. 69) que logravam ingressar na escola constituem apenas exceções que confirmam a regra de sua exclusão do corpo discente da escola. É oportuno lembrar que a constituição brasileira¹⁶ não permitia a prática de discriminação racial.

¹⁵ Na verdade, haverá sempre antecedendo 3 estudantes na escola, um branco firme, o qual revelará traços de sangue negro. A tradução é da autora.

¹⁶ A Constituição da República dos E. Unidos do Brasil de 1891 (art.72.&2º) e a Constituição da República de 1934 da Declaração dos Direitos Humanos. Capítulo II: art.113: "Todos são iguais perante a lei. Não haverá privilégios, nem distinções, por motivos de nascimento, sexo, raça, profissões próprias ou dos pais, classe social, riquezas, crenças religiosas ou idéias políticas.

Contudo, várias alunas mestiças chegaram a diplomar-se na EEAN.



Doc. nº 15: retrato de diplomada da classe de 1928. Trata-se de uma mestiça que logrou diplomação na Escola de Enfermeiras.

Localização: EEAN, CD, Arquivo fotográfico, 1928.



Doc. nº 16: retrato de aluna diplomada da classe de 1929.

Localização: EEAN, Centro de Documentação. Arquivo de fotos, 1928.

Em certo momento foi tamanha a pressão exercida pela imprensa, que se apoiava nas garantias constitucionais, a ponto de provocar reunião das alunas seniores, em uma sala de aula da Escola de Enfermeiras do DNSP (doc. nº 17), para debater sobre o ingresso de uma aluna negra. Concluiu-se pela necessidade de acatar a decisão da diretora, Miss Demnhardt. Dadas as circunstâncias, aceitaram a entrada da aluna, mas registram a esperança de não terem que voltar a discutir semelhante assunto.

Ata da sessão de 12 de Março de 1926
realizada às 15 horas na sala de aulas da
Escola de Enfermeiras de D. N. S. P.

Presentes as alumnas da classe
Sênior foi pela Presidente D. Inacema Brasil,
aberta a sessão, secretariando a alumna Josefina
Ramos Rocha.

A Presidente declarou ter convocado tal reunião a fim
de tratar de assunto previamente combinado com
Miss Edith Frankell e de ser aceita como candidata a
alumna da nossa Escola uma moça de cor e desejara
saber a opinião da classe. Depois da confusão e
surpresa do primeiro momento chegou-se à conclusão
que tendo a moça em questão sido aceita pela carteira
da nossa mãe Digna e Tizada Directora, Miss Demb-
arth e a isso fôrmitta a nossa constituição nada
podia-se dever senão aguardar acontecimentos.

Doc. nº 17: Ata da reunião, realizada na Escola de Enfermeiras do DNSP, em
12/03/26, tendo como um dos pontos de pauta a aceitação de uma aluna negra devido à
ordem da diretora, em acatamento ao estabelecido na constituição republicana.

Localização: EEAN, CD, doc. 66, cx. 10, 1926.

Os ideais eugênicos que impregnavam o clima social do Rio de
Janeiro nas primeiras décadas do século 20, manifestavam-se nas falas de
algumas pioneiras. Como se verifica na transcrição a seguir, elas
reproduzem o discurso eugenista, que tinha como meta o “aperfeiçoamento
da raça” (Garcia, 1993, p.191).

A enfermeira moderna é ao mesmo tempo psicóloga, filósofa, e socióloga (...). É a educadora dos lares, a aperfeiçoadora da raça, quando sem seu nobre mister de visitar quotidianamente as casas pobres que estão aos seus cuidados, ensina princípios de higiene e Eugenia (Fraenkel, 1932, p. 9-11).

Ou então:

Nós somos as obreiras infatigáveis, trabalhando incessantemente, na construção de uma raça forte. E a construção dessa raça, será o alicerce, a base, o ponto de apoio de todos os empreendimentos sociais. Nada se poderá fazer sem que esse alicerce esteja consolidado. Um povo doente nada produz (Frères, 1936/37, p.27).

Mesmo nos anos 30, a idéia eugenista permanecia também nos meios acadêmicos. Como exemplo, destaco o (doc. nº 18), que reproduz publicação feita em revista produzida por estudantes de enfermagem e atribui ênfase à eugenia na raça, para o nascimento de um povo “aperfeiçoado”.

PAGINA DE ESTUDANTE

A EUGENIA

As classes cultas da sociedade brasileira começam a inquietar-se principalmente diante da ruína física, mental e moral que tende caracterizar a época atual em nosso país, e já compreendem a necessidade imperiosa de incluírem esforços de conduzir-nos a uma regeneração sublimada.

A leitura dos trabalhos publicados a esse respeito por Roberto Penna, Monteiro Lobato e, especialmente pelo Dr. Renato Kehl, presidente da comissão Central Brasileira de Eugenia, são verdadeiramente inspiracionantes, incluindo todos os brasileiros, de boa vontade, à luta contra a degenerescência da raça, que, se não for contida em sua marcha avassaladora, acarretará certamente a decadência da nacionalidade...

Evidentemente não há solução para os males sociais fora das leis da biologia!

Devemos enfrentar corajosamente todas as dificuldades e vencer a grande batalha que se impõe para o aperfeiçoamento eugenico do nosso povo!

Não temos inventar nem renovar coisa alguma, agitando essa questão em nosso país. Basta ler as paginas épicas da história da velha Grécia, lembrando as preocupações de Ligeia, o sábio estadista que ditou as leis que fizeram a glória de Esparta e que foi no seu tempo o grande precursor

dos princípios que aqui defendemos, como consagração da beleza física, intelectual e moral dos homens da nossa raça.

É isso o que nos induz a pensar na conveniência urgente de reforçarmos as legiões defensoras da Eugenia do Brasil.

As instituições oficiais, a que se junta na sociedade em que vivemos e as nossas observações pessoais, encham-nos de horror diante dos perigos que de tão perto nos ameaçam.

Sem Eugenia nada teremos realizado em proveito do Brasil de amanhã!

É preciso combater a ignorância, os vícios e a maldade dos nossos contemporâneos, lançando braços de socorro na escuridão ou melhor na certeza de triunfar.

Antes de pensarmos em qualquer outro problema nacional, devemos cuidar do **HOMEM BRASILEIRO**, regenerado pela Eugenia, e por ele tornando espas de prolongar sua prole, feliz, forte e sadia!

Os obstáculos acumulados pelo preconceito social ou religioso e a criminosa indiferença, que nuncajam caracterizar-nos, serão energicamente afastados, abrindo largo caminho aos destinos gloriosos que estão reservados ao Brasil.

"EUGENIA! IN HOC SIG NO VINCES"

Lúcia Ribeiro Lopes



Anais de Enfermagem

Doc. n.º 18: Folha produzida pelas estudantes demonstrando que a idéia eugenista ainda se encontrava em pleno vigor, pois até na academia já se pensava dessa forma.

Localização: Anais de Enfermagem, v. 1. Maio; 1932.

A intenção declarada de evitar a permanência de moças negras/mestiças na escola era notória também através das demissões sumárias das alunas, que era realizada com cautela, uma vez que não se

encontrava respaldo na legislação brasileira. Tal situação determinou a adoção de termos evasivos nos documentos, de modo a resguardar as enfermeiras americanas contra possíveis reações das estudantes ou dos meios de comunicação de massa. A esse respeito é esclarecedor o doc. nº 19, que apresenta a seguir:

Cx: 20

Ano: 1929

Superintendencia do Serviço de Enfermeiras

cional

ca

Rio de Janeiro 17 de Setembro de 1929

3-A

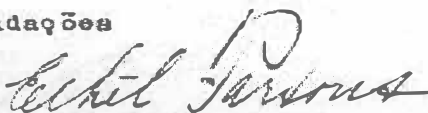
Miss Bartha Fullen,
Directora da Escola de Enfermeiras D. Anna Nery

Ao enviar o relatório bi-mensal sobre as alterações havidas na Divisão de Instrução de Enfermeiras, ao Dr. Director Geral, quanto a Mirabel Muniz Smith, em vez de dizer como em vosso officio A-47, "demittida por indisciplina", alterei a phrase para "deixou a Escola após um acto de indisciplina". Isso foi necessário porque de acordo com o regulamento, somente o Sr. Ministro da Justiça tem o poder de demittir uma alumna. Se uma alumna quizer fazer barulho e os nossos relatorios ao director geral não estiverem de accordo com o regulamento, acharnou-nos em sérias difficuldades.

Tambem quanto a Dalka de Souza Marques, torna-se necessario termos a data exacta em que deixou ella o serviço. Ainda não tivemos resposta alguma ao nosso officio pedindo ser ella paga por algum fundo especial. Nem tão pouco avisando-nos haver ella deixado o serviço. Ser-vos-hia possível pagardes os dias que ella trabalhou no Hospital São Sebastião pela folha de alumnas, evitando-se assim as complicações de collocar-a em uma outra folha somente para esses poucos dias e ter de retirá-la de novo?

Em envolvero separado envio-vos 2 folhetos sobre "Hospital Administration - A Career", e reimpressões de "The Qualified Administrator and His Problems" do Modern Hospital. Podereis dar a esses o destino que quizerdes. Vou enviar um exemplar de cada a Dr. Thompson Motta.

Saudações



(Mrs. Ethel Parsons)
Superintendente Geral do Serviço de Enfermeiras
do Departamento N. de Saúde Publica

Doc. nº19: demonstra a atitude da superintendente, frente à prática da ambigüidade no discurso, para proteger-se de eventuais reações contra suas medidas administrativas.

Localização: EEAN, Centro de Documentação. Doc.146, cx.20, 1929.

Essa prática velada de exclusão e discriminação também é evidente no (doc. nº 20), em que há registro de que a superintendente, Ethel Parsons,

tomou diferentes atitudes face ao mesmo problema, dependendo da aparência da aluna.



Departamento Nacional de Saúde Pública

Unidade do Serviço
Enfermeiras

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1924

AS ENFERMEIRAS-CHEFES

Miss WALSH
Distrito de Prática

Tivemos recentemente duas queixas da Inspectoria de Tuberculose por terem sido suspensos doentes ainda vivos e que frequentam o dispensário, pelas visitadoras, dando como motivo, - "Faleceu." Em ambos os casos, a visitadora tomara como verdadeira a informação do visados. É perigoso suspender doentes com essa classificação a menos que a Visitadora esteja perfeitamente certa que o doente morreu, pois que não somente essa classificação suspende o caso finalmente e definitivamente, como faz uma grande diferença em nossos estatísticos. De aqui por diante, parece-me que seria preferível que, depois de se terem empregado todos os esforços possíveis por encontrar o doente, e que ainda possa haver alguma dúvida sobre o assunto, se suspenda o doente como "não mora mais aqui." Mais tarde, poderá então mudar a causa da suspensão quando o nome do doente aparecer na lista de óbitos recebida da Inspectoria de Tuberculose, ou que tenha obtido uma informação segura de que o doente morreu. Nesse caso, deverá avisar este escriptorio afin de poderemos fazer as modificações necessárias em nossos relatórios estatísticos.

Saudações

EtHEL Parsons

(Mrs. EtHEL Parsons)

Superintendente Geral do Serviço de Enfermeiras
do Departamento N. de Saúde Pública.

Doc. n.º 20: demonstra o ato da superintendente, frente a um problema ocorrido com pessoas diferentes.

Localização: EEAN, CD, doc. 63, cx. 05, 1924.

No que se refere às alunas negras/mestiças, o mesmo ato indisciplinar foi tratado pela superintendente com dispensa das visitadoras de higiene, como forma de punição. A discriminação racial subjacente a

essas providências foi desde logo, alvo de denúncias conforme registra o (doc.nº21). Em artigo de "O jornal" de 2/10/26 que trata de feitos da Fundação Rockefeller e a Escola de Enfermeiras, do DNSP, Ethel Parsons responde às acusações que lhe haviam sido feitas como superintendente do Serviço de Enfermeiras. Ao contrário, a chefe da Missão alegava que as demissões teriam resultado de relatos de falsas visitas às casas dos doentes e de registros de visitas e apontamentos sobre desenvolvimento de moléstias em pacientes já mortos.

O JORNAL — Sabbado, 2 de Outubro de 1926

A Fundação Rockefeller e a Escola das Enfermeiras

A enfermeira moderna deve ter um cerebro instruido e um coração piedoso

Tem-se dito e repetido, a ponto de tornar a phrase um verdadeiro chavão, o conceito de que o Brasil é um vasto hospital.

Não somos daquelles que acceitam o asserio como verdade inconcussa, contudo, não ha que negar, e somente um cego é que deixaria de ver, os sofrimentos da nossa pobrissima população urbana e rural corroída pelas varias endemias e pandemias de arrezuada nomenclatura tão incidentemente referidas nos documentos e relatorios officiaes. Assim, se não chegamos a ser um hospital, estamos longe de parecer um eden de hygiene.

O saneamento, portanto, da nossa população é um problema nacional, e mais grave de todos. Para a resolver, contamos com o auxilio de um corpo clinico justamente considerado entre os melhores do mundo. Faltava-lhe, somente as auxiliares indispensaveis, os complementos necessarios a um tratamento rigorosamente scientifico que sio as enfermeiras. A Fundação Rockefeller, porém, que dentre as incontaveis instituições de compaixão humana e caridade espalhadas pela superficie do globo, se tem manifestado mais praticamente benéfica à humanidade, pôs ao serviço do Brasil em cadeiras necessarios e criação de uma Escola de Enfermeiras, enviando-lhe ao mesmo tempo, sob a direcção de mrs. Ethel Parsons, um corpo de "murças" experimentadas e habéis, para instruirem as moças brasileiras na pratica desse piedoso e arduo mister.

A SUPERINTENDENCIA DO SERVIÇO DE ENFERMEIRAS

Ao lado do palacete de medieval aspecto da rua do Rezende, onde funcionam varias secções do Departamento Nacional da Saúde Pu-

peças que não concluirão esse curso geral.

Não tenho absolutamente preconceitos de cor, e em todas as dispensas a que fui obrigada a proceder tive em culpa as exoneradas, que, ou se tinham collocado em contravenção ao regulamento, ou então não demonstravam exação no cumprimento do seu dever. Infelizmente sou obrigada a declarar que as enfermeiras dispensadas e foram porque relatavam falsas visitas à casa dos doentes entregues ao cuidado deste departamento. A enfermeira, no nosso serviço, é a vista e os sentidos do medico, pois o receituário faz-se todo por suas indicações, nas papeletas apropriadas. Ora, é bem comprehensivel o perigo de uma enfermeira que por qualquer motivo deixa de visitar o doente e aponta falsas indicações nas suas papeletas.

Verificamos tambem em alguns casos referencias de visitas e apontamentos sobre desenvolvimento de moléstias em pacientes já mortos e enterrados ha muito tempo. O senhar pareceo perfeitamente que, anuados estes factos, seria immedeavel da nossa parte consentir na manutenção da pessoa tão pouco consentanea em carceres de tanta responsabilidade.

Não é verdade que estejamos resolvidas a ficar permanentemente no Brasil. Nossa estadia é voluntaria, apenas esperamos que moças brasileiras se habilitem a tomar o nosso lugar. Por mais agradável que nos seja a permanencia no Brasil, estamos aqui isoladas, longe de nossas familias, cuja ausencia sentimos.

Na America actualmente estuda a senhorita Madelon Loba. De acordo com o plano tracado pela Fundação Rockefeller, ella virá dentro

Doc. nº 21: Recorte de "O Jornal" de 02 de Outubro de 1926. O teor do artigo é o serviço de enfermeiras estrangeiras e da Fundação Rockefeller na Escola de Enfermeiras. Parsons se defende da acusação feita pelo jornal, justificando a dispensa das alunas da escola. Obs: o nome de Ethel Parsons aparece incorretamente grafado como "Pearson". (continua)

Nesse mesmo artigo, o administrador do serviço de enfermeiras, sr. Oliveira Freitas defende a superintendente, Ethel Parsons acerca das acusações sobre a prática da discriminação racial.

E' absolutamente falso que a superintendente tenha despedido funcionarios movida por qualquer resentimento pessoal, ou pela questão da cor. Algumas saíram por livre vontade. Verificámos que outras visitadoras davam informações sobre indivíduos mortos e enterrados, por isso foram dispensadas. Algumas também não poderão ser aproveitadas porque são absolutamente ignorantes, desconhecem até as primeiras letras."

Doc. nº 21: O administrador do serviço de enfermeira Sr. Oliveira Freitas, defende a senhora Parsons da acusação feita sobre a prática de discriminação racial

Localização: EEAN, CD, doc.52, cx.09, 1926.

Porém, dizia Parsons que o problema não havia ainda surgido de fato, pois as candidatas negras ou mestiças excluídas não apresentavam condições intelectuais, morais ou sociais adequadas (Parsons, 1926, p. 2-3 e Barreira, 1995, p. 25).

Mesmo na gestão de Rachel Haddock Lobo na Escola de Enfermeiras, o número de alunas negras mestiças manteve-se restrito. Essa inferência tem respaldo no documento nº 22, que reproduz uma pose grupal, registrada após a cerimônia de recepção de toucas, no dia 02 de janeiro de 1932, nas dependências do Pavilhão de Aulas da EAN.



Doc. nº 22: foto comemorativa da Recepção de toucas, realizada em 1932, no salão nobre do Pavilhão de Aulas da EEAN.

Localização: EEAN, CD, arquivo de fotos, 1932.

Trata-se de uma foto cujo enquadramento é central e simétrico e que registra em seu primeiro plano, a presença da diretora da escola, Raquel Haddock Lobo, ladeada à esquerda por Zaira Cintra Vidal, instrutora das alunas e por uma professora não identificada. Figuram na foto, em seu segundo plano e de pé, quinze alunas, sendo que a aluna mestiça é a décima aluna, da esquerda para direita. É uma foto do tipo posada, cujo cenário é o hall do Pavilhão de Aulas da Escola de Enfermeiras Anna Nery. As alunas apresentam-se de uniforme, incluindo o avental, o que caracteriza o estado de prontidão para o trabalho. Desse modo, mesmo na gestão de uma diretora brasileira a situação para as negras/mestiças não se modificara.



Doc. nº 23: foto comemorativa da Recepção de toucas, realizada em 1935, no salão nobre do Pavilhão de Aulas da EEAN.

Localização: EEAN, Centro de Documentação arquivo de fotos 19 35.

Em 1934, retornou ao Brasil Bertha Lucille Pullen, para assumir a direção da escola, em uma segunda gestão, em decorrência da morte de Rachel Haddock Lobo.

O documento acima refere-se a uma foto de cerimônia de recepção de touca, realizada em 1935, que registra também a presença de uma aluna mestiça, que ocupa o primeiro plano da foto. É a primeira aluna, da esquerda para direita, porém sua presença corresponde a 7% do total, uma em quinze.

Comparando-se os documentos 22 e 23, podemos inferir que ao longo dos anos 30, não ocorreram mudanças significativas no quantitativo de alunas negras/mestiças no cenário da escola de enfermeiras.

O fato de haver ruptura nos obstáculos relacionados à entrada de candidatas negras para fazer parte do corpo discente não foi condição suficiente para que elas fossem eliminadas. As alunas negras/mestiças tiveram que enfrentar o preconceito de professores e colegas que se expressavam através de despreferências e estratégias de evitação. As desvantagens inerentes à escolaridade não se esgotavam no processo de seleção, talvez no decorrer do curso as alunas apresentassem dificuldades quanto ao acompanhamento do curso devido à precariedade de seus estudos anteriores. Além disso, essas alunas enfrentavam dificuldades adicionais, determinadas pelo seu capital cultural, onde as diferenças com as colegas de origem branca e burguesa explicitavam-se por meio de gestos e gostos, bem como pela falta de desenvoltura e dificuldade em expressar-se verbalmente.

No que se refere aos relacionamentos sociais, estes eram menores e mais frágeis. No âmbito escolar, essas alunas buscavam apoio em professoras mais sensíveis às dificuldades decorrentes do status social de origem.

No entanto, devido às denúncias, ao regimento, à Constituição ou porque tornara-se difícil fazer uma triagem étnica em uma população tão miscigenada, o fato é que algumas alunas negras/mestiças conseguiram diplomar-se.

CAPÍTULO 3

ROMPENDO AMARRAS, TRANSPONDO BARREIRAS

Neste capítulo analiso os depoimentos de duas ex-alunas negras que, apesar de terem estudado na EAN em épocas posteriores ao estudo, reforçam a idéia de que os critérios de seleção continuavam a dificultar a entrada de algumas alunas negras/mestiças. É ainda interessante assinalar que, embora elas declarem não terem vivenciado situações de discriminação aberta, ambas afirmam terem percebido a existência de um preconceito velado, que, no entanto, não as impediu de conquistar o diploma e mesmo de estruturar uma carreira exitosa na profissão.

Com base nesses documentos orais, faço também considerações sobre as dificuldades enfrentadas pelas alunas negras/mestiças, quando conseguiram ingressar no corpo discente da escola e discuto as circunstâncias que possibilitaram, apesar do preconceito racial existente na escola de enfermeiras, que algumas moças negras/mestiças tenham chegado a diplomar-se e encaminhar-se na carreira.

Ethel Parsons declarara em seu relatório de 1926 que havia um número pequeno de jovens mestiças na escola. Décadas depois, esse número permaneceu reduzido, conforme registra a depoente:

Na minha turma, que eu me lembro eu acho que não tinha não. Tinha uma mulata, [...] e não tinha outra não. Era ela amulatada e eu, que sou negra mesmo. Só o que tinha na minha turma. (depoente 2)

Além das características físicas, uma atitude considerada correta frente à profissão também era fundamental:

... então ela nos perguntava sobre nossa vida, porque procuramos enfermagem, enfim direcionava para ver o que elas consideravam muito importante, que eu não sei se hoje ainda se considera (sorri), que é a vocação. Havia sempre essa frase: fulano tem vocação para enfermagem. Então essa entrava e entrava mesmo (depoente 2).

Logo na fase inicial do curso, as alunas da EAN continuaram a passar por um processo de mudança radical em seu comportamento e atitude. Como destaquei anteriormente, a permanência no corpo discente dependia de qualidades como:

dedicação ilimitada ao serviço, obediência, disciplina relativa ao uso do tempo e do espaço, visualizadas através do controle do corpo, aparência impecável, postura ergonômica, atitude alerta e economia de gestos (Barreira, 1995, p.53-54).

Assim orientada, a educação da futura enfermeira continuava a se fazer pela disciplina, mas também, e de modo tão ou mais importante, pela inculcação de uma mística da enfermagem e pelo oferecimento às alunas de modelos ideais de enfermeira. Esses voltavam-se ao propósito de provocar comportamentos imitativos positivos e não apenas preparar as alunas para a competência profissional. Na verdade, a ênfase recaía em atitudes e valores morais e sócio-profissionais (Carvalho, 1973, p. 527-528).

Tínhamos que ter postura. Professora que marcou muito na escola pela elegância, postura, autoridade e, ao mesmo tempo, era amiga e alegre foi a professora[...] (depoente 1).

Para compreender o fenômeno mencionado pela entrevistada, recorro a Heller (1989), quando assinala que:

A entonação ocorre pelo efeito que produz a presença de uma pessoa, criando em torno dela uma atmosfera diferenciada que nos envolve e influencia nossos pensamentos, atos e avaliações. Ao contrário, a mímese ocorre quando a pessoa imita não somente momentos e funções isolados, mas modos de conduta e de ação.

As normas estabelecidas pela sociedade e pelas instituições de ensino eram bastante rígidas, principalmente quando destinadas à educação de mulheres. Na formação das alunas de enfermagem, do mesmo modo que as dirigentes americanas, as brasileiras visavam de modo insistente o comportamento, tanto profissional como social. As alunas eram enquadradas num rígido regime disciplinar e hierárquico, que controlava até mesmo suas atitudes e gestos:

[...] o ônibus chegava, primeiro entravam as professoras, depois as alunas mais antigas, digamos, até as preliminares entrarem. Se nós estivéssemos sentado no ônibus e chegasse uma aluna mais antiga, teríamos que ceder o nosso lugar. Isso sem humilhação [...]. (depoente 2)

O depoimento de outra aluna também aponta a aceitação de medidas hierárquicas no seu cotidiano:

[...] às vezes, a gente estava cansada, sentada já no ônibus, e tínhamos que levantar para uma aluna mais graduada. Era

preciso muita humildade para levantar. Antigamente, era tudo hierarquia. (depoente 1)

Não obstante, devido à persistência do preconceito racial pode-se imaginar que, para as alunas brancas, a necessidade de levantar-se para ceder lugar a uma colega negra talvez causasse desconforto maior. No depoimento abaixo ficam implícitos os dilemas morais e éticos vivenciados pelas alunas em função do rígido regime disciplinar:

Muita disciplina, obediência e humildade, porque senão você não aceitava muita coisa. (depoente 1)

O estrito controle dos movimentos das alunas no tempo e no espaço, que resultava quase que num esquadrinhamento da vida, para muitas não constituía nem mesmo uma novidade, pois o processo de “educação para submissão” havia começado há tempos (Barreira, 1996, p.197). Essa inferência encontra respaldo na fala de uma depoente, ao ser solicitada a sua percepção sobre o significado de ser uma aluna “modelo”:

Eu me adaptei muito bem na disciplina, porque eu sou de família, pai e mãe muito rígidos. Autoridade vem de pai e mãe; autoridade vem de professor. (depoente 1).

Do mesmo modo que a influência familiar exercia um papel importante, no que tange ao aprendizado do modo correto de se comportar, a aquisição das qualidades atribuídas à enfermeira dependia da inculcação de preceitos ainda considerados dignificantes da imagem feminina como: dedicação, humildade, obediência, abnegação, honestidade, delicadeza e disponibilidade (Fonseca, 1996, p. 65).

A utilização do corpo discente como mão de obra bem como o despojamento de seus direitos, e vaidades ocorria de fato na prestação de serviços nos hospitais, onde se cristalizavam as diferenças de posição e prestígio. Cumpre lembrar que a natureza das atividades atribuídas às alunas assemelhava-se ao trabalho doméstico e servil (Barreira, 1996, 199).

Mesmo assim, o curso de enfermagem representou para algumas moças negras a oportunidade de ascensão social:

[...] lá na minha terra, negra que estudou, na minha época, era só eu e minha irmã e três filhas de um oficial do Exército, negro... mas era o poder aquisitivo, ali não via nem cor, pagou, podia ficar. Os que não puderam entrar, não tinham valor. (depoente 1)

Como se vê, a situação do negro por vezes se modificava, em função da situação sócio-econômica. Para algumas alunas negras da EAN, o poder aquisitivo familiar, por ter facilitado o acesso à educação anterior, favoreceu também seu ingresso na escola de enfermagem.

Embora a depoente afirme que superou parte das barreiras sociais, durante a entrevista, ao mostrar o álbum de fotografias de sua família como forma de demonstrar o orgulho que sente de seus filhos, sublinhou as profissões e cargos que exercem. Por outro lado, essa atitude poderia ser entendida como uma estratégia para “fugir” dos assuntos desagradáveis, como os relacionados ao preconceito racial. Ressalta ela:

... até fui com [filhos], ela estava aqui no Brasil e foi muito bom. [filho.] é preparador físico da equipe de beisebol na Noruega, [filha] é secretária da embaixada do Chile em Oslo e [outra filha] fez faculdade de administração de empresas e

trabalha diretamente com arcebispo d. Eugênio Salles.
(depoente 1)

Outra depoente que conseguiu superar a barreira do preconceito mencionou ter consciência das práticas veladas de discriminação no âmbito escolar:

[...] se eu lhe digo que abertamente havia preconceito, estou errada, porque não havia. Mas havia, como em todo o Brasil, veladamente, alguma coisa [...]. (depoente 2)

Ou então:

[...] o que havia lá, que tinha veladamente, era decorrente do contexto em que se vivia. Agora, dizer que nos meus estudos, eu fui prejudicada por ser negra, não. (depoente 2)

Barcelos (1992, p. 38) afirma que a existência do preconceito, mesmo que de forma velada, como refere a depoente, aumentava as dificuldades que os negros enfrentavam no ambiente escolar. Essa situação refletia o papel da escola como reprodutora e geradora das desigualdades sociais.

Dessa forma, a escola agia também como órgão que reforçava a exclusão de negros e mestiços. O fenômeno não pode ser atribuído somente ao racismo mas também às suas condições sócio-econômicas, educacionais e às desigualdades históricas relacionadas com a pobreza. Como o relato abaixo:

[...] e durante todo o período, o número de negras, e negros na escola sempre foi muito pouco. Também acredito que

entrava aí o fator sócio-econômico, porque você tem a oportunidade de chegar a uma universidade, mas você tem [que ter] livros etc. e trabalhos para fazer. Então, o número de [negras] sempre foi muito pequeno, muito pequeno mesmo. (depoente 2)

E enfatiza:

Então, o negro sempre está mais abaixo porque, do ponto de vista sócio-econômico é difícil o negro ascender. A maior população negra você encontra em favelas. Empregada doméstica, a maior população é negra. Trabalhador de obra, a maior população é negra. Então, é difícil ele subir e ficar no mesmo plano do branco. (depoente 2)

Devido ao preconceito, pode-se supor que as alunas negras/mestiças, embora fossem avaliadas aparentemente, segundo os mesmos critérios, eram julgadas com maior rigor. Neste sentido, comenta Barreira, 1996, p. 202), que a escola operava na base da sobrevivência dos mais aptos, pois havia uma forte seleção das alunas em virtude das desistências, das reprovações e dos “desligamentos”. Além disso, o acesso à universidade representava um privilégio, face às dificuldades inerentes à questão étnica, conforme fragmentos do depoimento de uma ex-aluna negra:

*No Brasil, existe o preconceito velado. Mas eu sempre procurei fazer o melhor que pude. Se eu **negra** (a depoente dá ênfase à palavra) tive a oportunidade de chegar até uma universidade, eu devo aos outros negros. Eu tive a oportunidade que eles não tiveram[...]. (depoente 2)*

A exclusão ocorria de forma velada, que quase sempre interdita ao discurso, mas sentida, como descrevia Xiberras (1993, p. 20):

Existem pois formas de exclusão que não se vêem, mas que se sentem, outras que se vêem, mas que ninguém fala e, por fim, formas de exclusão completamente invisibilizadas, dado que nós nem sonhamos com a sua existência.

Sobre este aspecto, Pinto (1998) ressalta :

É neste plano que faz o peneiramento desfavorável ao elemento de cor. Por isto mesmo, é claro que, para que ela funcione com eficiência – nas condições peculiares ao Brasil, é essencial que não esteja escrito nas leis, o que, por outro lado, está longe de impedir o funcionamento dos critérios discriminativos, que sempre encontram alegações não étnicas, para se justificarem (Pinto, op cit, p. 95).

É importante que se compreenda que, quando uma pessoa é membro de um grupo vítima de discriminações de qualquer natureza, mesmo quando não está sendo alvo de determinado ato discriminativo, é acometida por sentimentos de insegurança, instabilidade, ou medo. E, embora possa gerar também a vontade de vencer o desafio e de crescer, resta ,de qualquer modo, um ressentimento que, por vezes, pode assumir a forma de mágoa indizível. Creio ser esclarecedor dessa problemática, o depoimento que transcrevo a seguir:

Discriminação velada, isso havia. Mas eu, como fui sempre uma pessoa que procurei crescer pelo crescimento[...] procurar ser o melhor que puder e, dizer que me afetou, me

afetou. Só uma coisa, uma vez lá, que, eu gostaria que não constasse nessa entrevista. (depoente 2)

Há também a motivação para aproveitar ao máximo as oportunidades, com a consciência de que havia outras pessoas que, por terem sido discriminadas, não conseguiram ascender socialmente.

[...] porque eu me sentia responsável por aqueles outros negros, que não conseguiram ir à universidade. Então, eu estudava mesmo...Aparecia um curso, eu queria fazer, e também porque meu princípio era esse. (depoente 2)

Embora o ensino fosse orientado para a competência, no umbral da escola de enfermagem, as indecisões sobre qual caminho seguir poderiam ser motivo de angústia. Para as negras/mestiças, a inserção no mercado de trabalho era dificultada pelo preconceito.

No último período da escola, já vencidos tantos obstáculos, a discriminação racial se fazia sentir pelas alunas negras com nova força, quando lutavam por um lugar no mundo profissional. Uma das entrevistadas explicitou o que segue:

[...] quis saber porque não tinha sido chamada para trabalhar aí me disseram que o general só queria moças brancas, não queria moças negras. (depoente 1)

Esse problema torna-se compreensível, se lembrarmos que existem barreiras sociais e, ao lado delas, barreiras raciais, quando se luta para encontrar um “lugar ao sol”. As últimas manifestam-se de vários modos e são muito fortes. Por exemplo, reconhecimento de valor e acesso a alguns

empregos (como nos meios militares) eram negados, por causa da condição racial.

O sucesso das alunas negras na escola dependia ainda das alianças que conseguissem estabelecer; ou seja, dependiam de alguém que as apoiasse, no enfrentamento das dificuldades. Nos dados que encontrei há indícios de certa solidariedade étnica. Por exemplo, uma das alunas declarou ter recebido o apoio decisivo de uma professora também negra:

[...] aí foi uma das primeiras decepções que eu tive na escola. Mas, aí eu me agarrei com dona [professora], era ela uma enfermeira negra, que tinha na escola. Ela era uma professora capacitada, fez cursos nos Estados Unidos, falava inglês muito bem, escrevia livros e eu assim, com ela, chorando...

E:

[...] o que muito contribuiu para isso foi a figura da dona [professora] o respeito que a escola toda tinha por ela. Então, parece que eu me apoiava naquela figura...

Este processo de descoberta das desvantagens e das dificuldades de superá-las seria tanto mais penoso para as alunas negras/mestiças, quanto mais elas se comparavam aos modelos ideais de professoras e alunas por elas bem conceituadas. Até mesmo a construção de sua identidade como pessoa adulta seria dificultada, ao se perceber como diferente do padrão. Assim a estratégia para superar as dificuldades e vencer os desafios seria a conformação mais perfeita às normas e o desempenho sem falhas, como esclarecem os seguintes depoimentos:

[...] fui estudando, fazia concurso quando tinha.... E essa oportunidade que me apresentaram, eu fui me utilizando delas, dentro do contexto em que eu vivia [...]. (depoente 2)

Ou:

[...] então, ela me indicou para lá e assim a oportunidade me era dada, não posso negar. Eu sempre procurava corresponder... Isso não é falsa modéstia, não... É porque eu achava que tinha obrigação [...]. (depoente 2)

Tudo indica que algumas negras/mestiças conseguiram romper as amarras e aproveitar as chances de frequentar a escola, embora sujeitas a vários condicionamentos, lograram transpor as barreiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo de enfermagem anglo-americano foi implantado no Brasil no início da década de 20 e ocorreu em um contexto de penetração econômica americana. Além disso, a nova concepção de saúde pública indicou a necessidade de um profissional com características pessoais e profissionais que viabilizassem a Reforma Sanitária dos anos 20. Em 1923 as enfermeiras americanas transplantaram para o Brasil um modelo de ensino de enfermagem que previa a assimilação de técnicas e valores sociais estranhos à nossa cultura. No que se refere à enfermagem é pertinente registrar que, até aquele momento histórico, ainda carecíamos dos fundamentos e das práticas profissionais em desenvolvimento em outros países mais adiantados.

Nesse contexto, cumpre considerar que as enfermeiras americanas, a quem se atribuiu a responsabilidade pela implantação da enfermagem no Brasil trouxeram, juntamente com o conhecimento técnico-científico que fundamentava a prática profissional em seu país de origem, um conjunto de valores, muito significativos para cultura e a ideologia americana. Esse dado de realidade é crucial para que se compreenda a extrema valorização de práticas sociais derivadas do cotidiano de uma sociedade preconceituosa, elitista e racista, as quais nortearam o modelo de enfermagem moderna. Segundo essa linha de pensamento, a idealização do perfil da enfermeira orientou-se segundo os critérios de que a profissão demandava mulheres brancas, prendadas, educadas e piedosas.

Obviamente, por motivos raciais e também de ordem sócio-econômica, a mulher negra e mestiça, que constituía minoria na classe

média brasileira, fugia desse padrão. Essa é a vertente por meio da qual são explicáveis as baixas frequências de candidatas e de alunas negras e mestiças no curso de formação de enfermeiras, coordenado pelas referidas enfermeiras.

É interessante assinalar que os critérios estabelecidos para seleção ao curso não explicitavam a variável raça como impedimento; todavia os documentos consultados para a realização do presente estudo permitem inferir que havia mecanismos não explícitos de discriminação social e de racismo, desde o processo seletivo das aspirantes ao curso.

Para as que conseguiam furar esse bloqueio, a manutenção de um alto nível de engajamento à profissão e à escola, sem perda de motivação e o crescente rendimento era obtido por duas vias: a dedicação obstinada para obter pleno domínio do saber veiculado pela escola e a aceitação de um sistema de recompensas, que se dirigia para a busca de gratificação afetiva, independência econômica, liberdade e a recomposição do eu.

Na verdade, esses achados não constituem motivo de surpresa. Historicamente, no âmbito dos valores sociais e práticas sociais em nosso país, cor e status identificaram-se de maneira quase total, sempre que se tratou de pensar nas oportunidades de escolarização, ou de acesso a outros direitos de cidadania. Nos estabelecimentos de ensino e também no contexto mais amplo da sociedade, o que se encontrava acima de tudo era uma situação de extrema desigualdade de posição e de classe social, que contribuía para a limitação das possibilidades de acesso à educação formal, ou a outros benefícios sociais, que por direito, deveriam ser extensivos a todas as pessoas. Esse fenômeno, ao mesmo tempo velado e explícito, demonstrava-se cotidianamente nas práticas sociais que procuravam

evidenciar que os negros e brancos, os ricos e pobres os privilegiados e os preteridos formam dois mundos à parte.

Essa dicotomia histórico-estrutural da vida e da sociedade apresentava-se como circunstâncias dada, imutável, a qual era preciso adaptar-se, de todas as formas. Ela constitui sem dúvida, o lastro da filosofia que orientou a formação de enfermeiras nos primórdios da Escola de Enfermeiras Anna Neri. Por sua vez, ela deu origem à situação ocupada pela mulher negra na enfermagem.

No cotidiano da escola havia mecanismos que dão suporte às inferências que estou apresentando. Por exemplo, a aplicação da pena máxima da exclusão seria mais facilmente cogitada em relação as alunas negras, sendo admissível para qualquer deslize ou dificuldade de adaptação às disciplinares institucionais. Para as poucas alunas negras, estava claro que a sua permanência naquela instituição dependia de esforços diuturnos para corresponder às exigências. Todavia, subjacentes a esses controles, escondiam-se, ao mesmo tempo em que se revelavam os preconceitos. Nesse complexo modelo educativo, o saber adquirido no cotidiano do trabalho pelas alunas negras/mestiças deveria sobrepor-se ao saber geral da classe. É importante registrar, por outro lado, que paralelamente a essas dificuldades, as estudantes conseguiram desenvolver sentimentos de ânimo e de coragem, dando o melhor de si, para obter o desejado crescimento.

Para compreender esse fenômeno, lembramos que o racismo não é só uma ideologia, criada por uma falsa ciência, sobre o potencial das raças. Ainda que nem seja explicitado, ele está vivo, de fato, na sociedade, cuja estrutura organiza-se por meios de grupos diferentes, não apenas segundo o requisito étnico e racial, mas porque as diferenças culturais e sócio-econômicas são produzidas socialmente e resultam em desigualdades. Essa

iniquidade evidencia-se na articulação entre raça e estrutura social e pode ser demonstrada com maior clareza, no caso das populações negras. As minorias, sejam elas raciais, nacionais ou étnicas, são definidas por critérios tanto de exclusão como de inclusão, e estes comportam elementos que estabelecem uma especificidade cultural, racial, ambas ou até outras. Os critérios exclusivos refletem-se na limitação da participação dos membros das chamadas minoria a a seu grupo. Com freqüência, as doutrinas de tipo racista têm sido usadas com propósitos de exclusão. Não obstante, a conotação negativa das identificações raciais sempre reafirmadas pelo racismo, alguns grupos minoritários transformaram a raça numa identidade avaliada positivamente. (Seyferth, 1986, p.22)

O preconceito racial continuou a ser exteriorizado de maneira discreta e branda, ou seja, o preconceito de cor existe em várias regiões do Brasil, e penetra em maior ou menor grau, todas as classes sociais, sem contudo associar-se com manifestações ostensivas. A discriminação étnica coibindo o acesso de negro às escolas e sua participação nas posições melhor remuneradas no mercado de trabalho estão implícitas nas atitudes dos dirigentes escolares e administradores de empresas. As estatísticas são muito eloqüentes no sentido de demonstrar quão insignificante tem sido o acesso de pessoas de origem negra a postos de prestígio social, particularmente num país como o Brasil, em que a população negra e mestiça é dominante, sob o ponto de vista quantitativo.

No processo histórico de inserção do negro no âmbito da cidadania formal, cumpre lembrar que o problema da aceitação do negro como cidadão livre, relacionava-se ao seu status social inferior (com respaldo jurídico), durante séculos. O negro era presença marcante e populosa em todo país. Assim, a sociedade, que até ontem o considerava como coisa,

bem que poderia ser vendido, trocado ou escravizado, passa a acusá-lo por ter sido escravo, por sua ignorância. A esse respeito, não é desprezível a hipótese de que a simples visão e a presença incômoda do negro representa para a sociedade a necessidade de deparar-se com um sinal da iniquidade que se deseja esquecer. Sob esse enfoque, penso ser pertinente assinalar o relativo silêncio que os meios acadêmicos têm dedicado a essa problemática. Mesmo na Enfermagem, são raros os trabalhos que se dirigem para aprofundar o conhecimento de problemas vinculados à categoria étnica e racial. Considero animador ressaltar que, na fase de redação final de dissertação tomei conhecimento da tese da dra. Maria Stela Anunciação da Silva defendida na Pontifícia Católica de São Paulo/SP na área de Ciências Sociais, cujo título é: “Gênero, raça, profissão – uma análise histórico/social da trajetória da mulher negra na enfermagem em nível do 3º grau no Brasil.

A pesquisa mencionada valoriza o presente estudo, pois aponta para desdobramentos históricos de problemas que foram aqui relatados. Entre outras observações, Silva, (1999) evidencia a persistência da pressão para que ocorra a assimilação da cultura negra e do próprio negro pela aculturação e pela miscigenação. Baseando-se no trabalho apresentado pela deputada Benedita da Silva no 2º Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado na cidade de Salvador e no livro sobre *Discriminações e desigualdades raciais no Brasil* de Carlos Hasenbalg¹⁷. (Silva, 1999, p.56) registra que:

¹⁷ Silva, Benedita. da. A questão racial e a nova sociedade. In: II Encontro Nacional de Mulheres Negras, Salvador. Câmara dos deputados. Publicações Brasília, Distrito Federal, 1994.

Hasenbalg, Carlos. ^a Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. RJ. Graal, 1979.

No Brasil o sistema de identidades raciais não é dicotômico (branco/negro), como é nos Estados Unidos e em outros lugares. Ou seja: a percepção social da raça, do fenótipo no Brasil se dá de uma forma de um contínuo de cor que vai de um extremo onde está o negro a um outro extremo onde está o branco e as pessoas se localizam em pontos intermediários deste contínuo de cor. As identidades raciais ou étnicas estão fracionadas e as pessoas que se localizam em pontos intermediários deste contínuo de cor sofrem pressões fortes no sentido de branqueamento, no sentido de tentar se aproximar do polo branco deste contínuo.

No que tange a situação da mulher negra no sistema de saúde é ainda oportuno refletir sobre a denúncia que a autora da tese acima mencionada ressalta a afirmação de Helena Saffiotti e Vargas Munhoz em seu livro *Mulher brasileira é assim*¹⁸ (Silva, 1999, p.73):

Fazemos parte de um contingente de mulheres ignoradas pelo sistema de saúde em sua especificidade, porque o mito da democracia racial, presente em todos nós, torna desnecessária a coleta da cor dos pacientes nos formulários da rede de saúde, informação que seria indispensável para avaliarmos as condições de saúde das mulheres negras no Brasil, pois sabemos por dados de outros países que as mulheres brancas e negras apresentam diferenças significativas em termos de saúde.

¹⁸ Saffiotti, Helena J. B. e Munoz, M. V. *Mulher brasileira é assim*. Rio e Janeiro. Record, 1994.

Uma diferença importante entre o passado e o presente da profissão é estabelecida, quando observamos um número expressivo de enfermeiras provém da classe média e proletária enquanto que as categorias auxiliares são em sua significativa maioria mulheres provenientes da classe trabalhadora. Por outro lado, ao constatar serem distintas as possibilidades de ingresso na escola de enfermeiras, segundo critérios relacionados principalmente à cor, evidencia-se a improbabilidade de relações profissionais incondicionalmente respeitadas. Esse fenômeno opera na direção contrária dos ideais declarados da enfermagem, que a definem como um serviço universal a ser prestado de modo equânime indiferenciado a todas as pessoas. Desta forma encontramos que as enfermeiras negras se vêem na contingência de sistema de saúde que discrimina as mulheres negras como confirma (Silva op.cit.p.130).

Os preconceitos e as discriminações racial e social dificultaram, e até mesmo impediram, mulheres negras de ingressarem na escola de enfermagem em nível do 3º grau no Brasil, contribuindo desse modo, para que o número de enfermeiras negras fosse restrito;[no entanto] exercendo atividades de enfermagem nas categorias de atendentes e auxiliares de enfermagem, o quantitativo delas é muito grande, sobrepujando o de enfermeiras e enfermeiros.

Silva (op.cit.p.161-162) mostra ainda que, na situação atual as enfermeiras negras e mulatas ainda são minoria nos hospitais do Rio de Janeiro, confirmando a existência de racismo na profissão e também na sociedade em geral.

No entanto os inolvidáveis retratos das moças negras/mestiças, com suas alvas toucas de enfermeira, são evidências de que, já desde então surgia, no mundo fechado da enfermagem de *alto padrão*, atitudes de recusa ao jogo da discriminação, recusa esta que caracteriza o movimento de resistência, capaz de produzir a transformação social.

BIBLIOGRAFIA

ALVES Branca Moreira e PITANGUY, Jaqueline, **O que é feminismo**. Coleção 44, primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, 1991.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Apresentação de citações em documentos**. Rio de Janeiro: ABNT/Forum Nacional de Normalização, 1992 p.2 (NBR 10520).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Referências bibliográficas**. Rio de Janeiro: ABNT/Forum Nacional de Normalização, 1989 p.9 (NBR 6023).

AZEVEDO, Thales de. **Cultura e Situação Racial no Brasil**. Rio de Janeiro Civilização, s/d.

BARCELOS, Luiz Cláudio. **Educação um quadro de desigualdades sociais**. *Revista Estudos Afro-Asiáticos* Rio de Janeiro: n. 23, 1992.

BARREIRA, Ieda. Alencar. **Os primórdios da enfermagem no Brasil: sanitaristas brasileiros e enfermeiras norte-americanas**. Rio de Janeiro: 1995 58 p. (Relatório CNPq).

_____. **A enfermeira Ananeri no país do futuro: a aventura da luta contra a tuberculose**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. **A prática de enfermagem no Brasil: a enfermeira de saúde pública nos anos 20**. Rio de Janeiro: 1997. (Relatório CNPq).

BARRETO, Afonso Henrique de Lima, **As ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1956. p. 128.

- BESOUCHET, Lidia. **Pedro II e o século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Enfermagem: legislação e assuntos correlatos**. 3.ed Rio de Janeiro: Fundação de Serviços de Saúde Pública, 1974. v.3.
- CALDEIRA, Jorge et.all. **História do Brasil** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CARDOSO, Ciro. Flamarion. **Uma introdução à história**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense 1992. 141 p.
- CARVALHO Anayde Corrêa de. A docente de enfermagem como modelo a ser imitado. **Revista Brasileira Enfermagem**, Rio de Janeiro: v.26 n. 6 p.527-531, out/dez.1973.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHIAVENATO, José.Júlio. **O negro no Brasil da senzala à guerra do Paraguai**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1980. 259p.
- CORRÊA, Arsênio Eduardo. **A ingerência militar na república e o positivismo**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1997. 207 p.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR Internacional, São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1993. p.9539-9540 v.9.
- ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 46-49p.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1997. p.650.

- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971. 23-30.p
- FONSECA, T M. G. (org) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1996.
- FONTENELLE, J.P. Higiene da raça. In: **Compêndio de higiene**, 3.ed; Rio de Janeiro: Canton & Beyer, 1930. p.759-771.
- FRAENKEL, Edith. A enfermagem no Brasil. **Anais de Enfermagem**, n 1, p.9-11, 1932.
- FRÉRES, M. R. S. O papel social da enfermeira. **Anais de Enfermagem**, n 8, p.27, 1936/37.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Dicionário Histórico-Biográfico: 1930-1938**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. v.4.
- GARCIA, Telma. Ribeiro. Um aspecto do discurso sanitário da enfermagem, 1932-1938. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 46, n. 3/4, p. 189-198, jul/dez. 1993.
- GASTALDO, Denise.Maria, e MEYER, Dagmar Estermann. **A formação da enfermeira: ênfase na conduta em detrimento do conhecimento**. Revista Brasileira de Enfermagem, v.42, p.10, jan/dez. 1989.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- JAPIASSU, Hilton. **As paixões da ciência, estudos de história das ciências**. São Paulo: Letras e Letras, 1991.

- LIMA, Izaura Barbosa. **Desenvolvimento da enfermagem no Brasil**. Rio de Janeiro: FEESP/ Departamento de Administração de Saúde. 1968 (mimeo).
- LEITE, Míriam Moreira. **A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1984.
- LOURO, Guacira Lopes Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- MEHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, n.5, 1994, p. 52-60 série 2.
- MAIO, Marcos Chor (org), **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. 252 p.
- NIGHTINGALE, Florence, **Notes on nursing: what it is and what it is not**. New York: Dover Public., 1969, p.140.
- NUNES, Maria José Rosado Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del (org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- PARSONS, Ethel. A enfermeira moderna no Brasil. In: **Exposições e relatórios**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1927. 43 p.
- PATY, Michel. Tradução por Pablo R. Mariconda Raças e racismo. **Revista Estudos Avançados** v.12, n.33, p.163-164 1998.
- PINHEIRO, Sérgio Paulo. **Estratégias da ilusão**. A revolução mundial e o Brasil. 1922-1935. São Paulo: Companhia das letras, 1991. p..379
- PINTO, L A Costa. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p.308
- PRANDI, José Reginaldo. Catolicismo e família: transformação de uma ideologia, **Cadernos Cebrap**, São Paulo: 1975, p.30.

PRIORE, Mary Del. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.209.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMALHO, André, et.al. **Racismo no Brasil: as dificuldades do negro no mercado de trabalho**. Brasília: 1998. Relatório da disciplina Metodologia Científica da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica de Brasília.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

RIBEIRO, Ivete (org), Sociedade brasileira contemporânea: família e valores, In: MARCÍLIO, Maria Luíza (Org), **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. p. 211.

SAFFIOTI, Heleieth. BONGIOVANI, Iara. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1979, p.40.

SALDANHA, Pedro H. **Mistura de raças, mistura de genes**, Revista Ciências Hoje v.9 , n. 50, p. 49-53, jan/fev. 1989.

SANTOS, Tania Cristina Franco, BARREIRA, Ieda de Alencar, SAUTHIER, Jussara. **A fotografia como fonte primária na pesquisa em história da enfermagem**. Rio de Janeiro: 1998 Mimeo.

- SAUTHIER, Jussara. **A missão de enfermeiras norte americanas na capital da república (1921-1931)**. Rio de Janeiro: 1996. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro. 258 p.
- SEYFERTH, Giralda. A estratégia do branqueamento. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v.5 nº25. jul/ag.1986.
- SENA, Antonia R.M.F. et.al **Moça de boa família figura-tipo de candidata à enfermeira** Relatório do projeto para o CNPq intitulado: A prática de enfermagem no Brasil: a enfermeira de saúde pública nos anos 20.
- SILVA, Maria Stela Anunciação da. **Gênero, raça, profissão – uma análise histórica/social da trajetória da mulher negra na enfermagem em nível do 3º grau no Brasil**. São Paulo: 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica/São Paulo. p.183.
- SILVA, Thelma N.M, RABELLO, Heloisa de Jesus. **O ensino da História**. Niterói: EDUFF, 1992. 127 p.
- SKDIMORE, Thomas. **Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- XIBERRAS, Martine. **As teorias da exclusão: para uma construção do imaginário do desvio**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. 251.p

ANEXOS

ANEXO 1**MATRIZ PARA REGISTRO DE GRAVAÇÃO**

Nome:

Endereço

ENTREVISTA nº

Data e horário de início e término:

Entrevistado/res:

Fita nº:

Lado A:

Resumo:

Nomes próprios, datas:

Lado B:

Resumo:

Nomes próprios, datas:

Data:

OBSERVAÇÕES:

DEPOIMENTO nº

FONTE: Disciplina de História da Enfermagem Brasileira – 1997/2

Curso de Mestrado EEAN/UFRJ.

ANEXO 2

MATRIZ PARA EXAME DO DOCUMENTO ESCRITO

(a se aplicado aos documentos de números)

Arquivo

Fundo

Classificação/localização

ANÁLISE TÉCNICA (DADOS EXTERNOS)

- . Tipo de documento (oficial/particular, correspondência, relatório, diário):
- . Original ou cópia (de que tipo?):
- . Suporte (especificações do papel):
- . Tecnologia (manuscrito, datilografado, digitado):
- . Origem (expedido, recebido):
- . Local e data:
- . Nome do autor do registro e cargo:
- . Nome do signatário e cargo:

ANÁLISE DE CONTEÚDO (DADOS INTERNOS)

- . Título do documento/assunto
- . Objetivo do registro (intencional e casual)

INFORMAÇÕES PERTINENTES ÀS QUESTÕES
NORTEADORAS DA PESQUISA:

Observações (ligação com outros dados, significado de palavras ou expressões, pontos a serem esclarecidos, questões suscitadas):

Local e data da coleta:

Assinatura de quem anotou:

FONTE: Disciplina de História da Enfermagem Brasileira – 1997/2

Curso de Mestrado EEAN

ANEXO 3**MATRIZ DE CONTEÚDO JORNALÍSTICO****CARACTERIZAÇÃO DO PERIÓDICO**

Razão Social:

Tipo de periódico:

Ano de fundação:

Periodicidade:

Proprietário:

Editor:

Conselho editorial:

CARACTERIZAÇÃO DA NOTÍCIA

Data da publicação:

Tipo de matéria e autor:

Localização da matéria no jornal:

CONTEÚDO DA MATÉRIA

Assunto:

Enunciado:

Resumo:

OBSERVAÇÕES:

Local e data da coleta:

Assinatura de quem anotou:

FONTE: Disciplina de História da Enfermagem Brasileira – 1997/2

Curso de Mestrado EEAN

ANEXO 4**MATRIZ PARA FICHA BIOGRÁFICA****IDENTIFICAÇÃO DA PERSONAGEM**

Nome atual:

Endereço atual:

Local e data do nascimento:

Profissão:

Religião:

Militância em movimentos/partidos:

ANTECEDENTES FAMILIARES

Filiação:

Nome e ocupação da mãe:

Nome e ocupação do pai:

Datas de mudanças de estado civil:

Nome e ocupação dos cônjuge(s):

Nomes anteriores do biografado/a:

Nome, idade e ocupação dos filhos:

Endereços anteriores:

FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISIONAL

Escolaridade de 1º e 2º graus – instituições, cidades, datas:

Escola onde se graduou e data:

Atividades profissionais – instituições, cargos e datas:

ATUAÇÃO

Grupos de participação:

Pessoas mais ligadas:

Publicações:

FONTE: Disciplina de História da Enfermagem Brasileira – 1997/2

Curso de Mestrado EEAN

ANEXO 5

MATRIZ PARA EXAME DA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

IDENTIFICAÇÃO:

Arquivo:

Fundo:

Ordenação:

Classificação cronológica:

Classificação temática:

ANÁLISE TÉCNICA (ANÁLISE EXTERNA)

Local/Data:

Assunto:

Dimensões da foto:

Suporte(especificação do papel):

Tipo de foto (posada/instantâneo, interior/exterior profissional/amador)

Publicação

Número de fotos referentes ao assunto:

ANÁLISE TÉCNICA (ANÁLISE INTERNA)

Descrição do cenário:

Descrição dos planos horizontais e verticais:

Movimento visual que ordena o espaço:

Análise das disposições das pessoas(proximidade e distanciamentos):

Postura, expressão facial e código visual:

Artefatos utilizados pelas pessoas:

ESTUDO DO CONTEXTO DA FOTOGRAFIA(articulação do conteúdo interno da foto e informações externas).

Articulação da fotografia a outros documentos:

Articulação do texto fotográfico às fontes secundárias:

Informações pertinentes às questões norteadoras do estudo

Síntese interpretativa do documento fotográfico:

Questões suscitadas:

Data/ assinatura

FONTE: Disciplina de História da Enfermagem Brasileira – 1997/2

Curso de Mestrado EEAN/UFRJ

ANEXO 6

Carta enviada à depoente (escrita de próprio punho pela orientadora)

ANEXO 7

FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS(enviado para a depoente)

Projeto de Dissertação: Aspectos Étnicos na Configuração da Enfermagem Moderna no Rio de Janeiro de 1921 à 1938.

Mestranda: Antonia Regina Messias Fernandes Sena

Orientadora: Ieda de Alencar Barreira

Nome da depoente:

Ano de formatura da Escola Anna Néry:

1)- Considerando as condições externamente desvantajosas em que se encontrava a população negra no início do século, quando o impacto da abolição da escravidão não havia sido absorvido pela sociedade brasileira.

a) como a senhora aprecia a situação dos jovens negros e mestiços face à nascente carreira de enfermeira de alto padrão no Brasil?

2- Considerando que a imprensa de oposição, durante permanência da Missão Parsons no Rio de Janeiro, acusava suas dirigentes de discriminação racial, tendo Ethel Parsons que se defender pelos jornais.

a) como a senhora vê a posição da Missão Parsons frente à questão racial da sociedade brasileira?

3- Considerando o fato de que, apesar das desvantagens e das dificuldades, algumas poucas candidatas negras ou mestiças lograram ingressar na Escola Anna Nery.

a) senhora acha que quando a direção da EAN passou às mãos dos brasileiros, essa situação possa ter se modificado em algum sentido? **(continua)**

4- Considerando que o processo de seleção às candidatas à Escola Anna Nery, incluiria outros critérios além do desempenho intelectual e cognitivo.

a) em sua opinião, até que ponto os aspectos étnicos influenciariam na aprovação ou má aprovação das candidatas?

5- Considerando que o preconceito é um traço cultural persistente.

a) como se configurava a questão racial em seu tempo de aluna, na sociedade brasileira e no interior da EAN?

b) havia alunas negras ou mestiças suas contemporâneas?

c) a seu ver que tipos de dificuldades específicas relacionadas à etnia elas teriam?

6)- Considerando;

a) que as sociedades americana e brasileira, embora tendo em comum a prática de discriminação racial, apresentam peculiaridades quanto as formas de sua manifestação.

b) que a senhora após graduar-se no Brasil, visitou o sul dos Estados Unidos em viagem de aperfeiçoamento profissional.

c) como a senhora compararia o problema social nas duas sociedades e especial no âmbito da enfermagem?

Para finalizar:

a) que outras considerações a senhora desejaria fazer sobre o tema em estudo?

b) haveria possibilidade de que a senhora indicasse outras ex-alunas da Escola Anna Nery cujos depoimentos fossem de interesse para a presente pesquisa?

ANEXO 8

ROTEIRO TENTATIVO DE ENTREVISTA

1ª parte: A escolha da profissão

- 1- Características de sua vida antes de decidir estudar enfermagem.
- 2- Por que escolheu a carreira de enfermagem.
- 3- Como tomou conhecimento da existência da Escola Anna Nery.
- 4- Possíveis dificuldades para atender às exigências para o ingresso na escola.
- 5- Processo de admissão.
- 6- A questão da cor/etnia.
- 7- Existência de alguma ajuda especial.

2ª parte: Formação Profissional

- 1- Como evoluiu o curso na escola, com quem fez amizade.
- 2- Normas de conduta na escola.
- 3- Relações professora-aluna nas situações de ensino-aprendizagem.
- 4- Seniorato e desempenho.
- 5- Sistema de hierarquia e disciplina.
- 6- Qualidades e atributos para ser considerada uma aluna modelo.
- 7- Fatores determinantes para a formação de sua identidade profissional.
- 8- Igualdade/desigualdade do tratamento dispensado por colegas/professoras em relação às outras alunas (tratamento cerimonioso/condescendente).
- 9- Situações externas que influenciaram no curso. **(continua)**

3ª parte: **Reflexões finais**

- 1- Existência ou não de renúncias na vida particular para fazer o curso.
- 2- Existência de limitações na dedicação ao curso devido a circunstâncias particulares.
- 3- Perfil desejável da enfermeira Anna Nery à época.
- 4- Perspectivas de vida profissional à época da formatura (ano de formatura).
- 5- Grau de dificuldades para uma moça negra formar-se à época (menor, igual

ANEXO 9

Rio de Janeiro, ____ de _____ 1998.

Cara senhora:

Como aluna do curso de Mestrado na Escola de Enfermagem Anna Nery, venho desenvolvendo para minha dissertação, orientada pela professora titular do Departamento de Enfermagem Fundamental Prof^a Dr^a Ieda de Alencar Barreira, o tema “ A influência dos aspectos étnicos na formação da identidade da enfermeira brasileira nos primórdios da profissão”. Este estudo desenvolve-se no âmbito do Núcleo de Pesquisa da História da Enfermagem Anna Nery.

Meu interesse maior refere-se à inserção das alunas negras nos primórdios da escola de enfermagem, tendo seu nome me sido indicado, por uma colega sua, como pessoa capaz de fazer um depoimento significativo. Gostaria de adiantar que, caso a senhora assim o deseje, esse depoimento será tomado em caráter sigiloso, não sendo portanto divulgado sua autora.

Sendo o que se me oferece no momento, aguardo ansiosa uma resposta favorável de sua parte, a qual muito me honraria e engrandeceria também a história dessa escola.

Colocando-me ao seu dispor para quaisquer outros esclarecimentos, subescrevo-me

Atenciosamente

¹⁹Antonia Regina Messias Fernandes Sena

¹⁹ Mestranda da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ